



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

LUANA ALVES DE ARAÚJO

OS CONCEITOS GEOGRÁFICOS EM *O HOBBIT* DE J. R. R. TOLKIEN

FORTALEZA

2021

LUANA ALVES DE ARAÚJO

OS CONCEITOS GEOGRÁFICOS EM *O HOBBIT* DE J. R. R. TOLKIEN

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Geografia do Centro de Ciências da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharela em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Tiago Vieira Cavalcante.

FORTALEZA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- A69c Araújo, Luana Alves de.
Os conceitos geográficos em O Hobbit de J. R. R. Tolkien / Luana Alves de Araújo. – 2021.
69 f. : il. color.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências,
Curso de Geografia, Fortaleza, 2021.
Orientação: Prof. Dr. Tiago Vieira Cavalcante.
1. Geografia humanista cultural. 2. Geografia literária. 3. Conceitos espaciais. 4. J. R. R. Tolkien. 5. O Hobbit. I. Título.

CDD 910

LUANA ALVES DE ARAÚJO

OS CONCEITOS GEOGRÁFICOS EM *O HOBBIT* DE J. R. R. TOLKIEN

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Geografia do Centro de Ciências da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharela em Geografia.

Aprovada em: 23/08/2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Tiago Vieira Cavalcante (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Francijonison Custodio do Nascimento
Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Norte (SEEC-RN)

Prof^{ta}. Dra. Iara Rafaela Gomes
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Aos meus avós, Creuza e Pompílio, que já não se encontram aqui.

AGRADECIMENTOS

À Deus por ter me dado resiliência para chegar até aqui, por me proteger e proteger meus pais da COVID-19, por me acalmar nos meus momentos de ansiedade e por me dar pessoas tão especiais que fazem meus dias serem melhores.

Aos meus pais, Aparecida Alves e Valdielo Araújo, por serem meus maiores incentivadores e motivadores, tanto para terminar a faculdade quanto a ser uma pessoa melhor. Obrigada pai por me amar mesmo não tendo aprendido com a sua família. Obrigada mãe por ser meu porto seguro, sem você eu não sei o que seria de mim. Obrigada principalmente por ter me ensinado a ler e a escrever. Com certeza foi você que me fez gostar tanto de livros.

À Universidade Federal do Ceará e ao Departamento de Geografia. Obrigada por me propiciarem conhecer o Nordeste, quase todo, através das aulas de campo. Uma geógrafa sem aulas de campo certamente seria mais infeliz e menos apta a sua profissão. Obrigada aos professores do departamento por terem sido tão compreensíveis comigo e a minha necessidade de sair mais cedo das aulas para poder pegar o último “barrinha” e conseguir voltar para casa.

A todos da minha turma 2015.2. Vocês foram a melhor turma que tive o privilégio de estudar. Obrigada principalmente pelo apoio de vocês em todas as aulas de campo. Obrigada Dálete Freitas, Everardo Câmara e Mateus Estevam pelo nosso grupo de apoio ao TCC. Vocês conseguem, meninos!

Aos amigos que fiz no decorrer da graduação. Giovanna Castro, Kaio Oliveira e Thaís Marques. Esse trabalho é um pouco de vocês também. Obrigada pelos conselhos, brincadeiras e todo auxílio que me deram ao longo dessa jornada.

Aos meus amigos mais antigos. Hoje nosso contato é pouco e nossa relação não é a mesma, mas saibam que vocês foram muito importantes para a construção desse trabalho, visto que foram os primeiros amigos que me apresentaram e me instigaram conhecer mais sobre a Terra-média, além de me chamarem de hobbit. Alisson Gomes, André Wylladson, Gabriel Rocha, Guadalupe Costa e Jefferson Ferreira. Também gostaria de agradecer a Maria Costa ou simplesmente Suzy, por toda a ajuda de última hora e que foi crucial para esse trabalho. Além dos canais do Tolkien Talk e da Tolkenista, na qual possuem um material extremamente rico sobre o mundo de Tolkien e não menos importante, a Toca CE, por sempre estarem disponíveis a esclarecer minhas dúvidas.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Tiago Vieira Cavalcante. Muito obrigada por me apresentar a Geografia Cultural, especialmente a Geografia Literária. Obrigada pela preocupação com o meu bem-estar mental e por não desistir de mim. Obrigada por ter tirado um pouco do seu tempo que é tão corrido e fazer todas as reuniões pelo meet. E principalmente obrigada por ser um dos melhores professores que eu já tive e que pretendo levar como um amigo.

E finalmente, eu agradeço a mim, por não ter desistido de acreditar que eu conseguiria fazer esse trabalho mesmo em um momento tão difícil para o mundo e em particular para o Brasil.

“Vivia nos livros mais que em qualquer outro lugar.” (GAIMAN, 2013, p. 22).

RESUMO

Este trabalho nasceu com a tentativa de ler Geografia a partir da Arte, mais especificamente da literatura. Com isso o caminho teórico metodológico optado foi o da geografia humanista cultural, visto que é uma abordagem que entende o espaço geográfico a partir dos significados e experiências. A obra que utilizamos foi *O Hobbit* de J. R. R. Tolkien. Uma estória que narra como uma pessoa pequena, um hobbit, acomodada e avessa a aventuras, realiza uma jornada que irá repercutir no resto de seus dias, além de influenciar no futuro da Terra-média. E é no decorrer de suas andanças que conhecemos lugares, paisagens, regiões e territórios presentes no espaço geográfico imaginado por Tolkien. Sendo assim, inicialmente elaboramos uma breve revisão de como esses conceitos espaciais mudaram ao longo da história da Geografia e, posteriormente, contextualizamos como eles são revelados na narrativa. Fica evidente, por fim, que a Geografia está presente em todas as formas de representação do ser humano.

Palavras-chave: geografia humanista cultural; geografia literária; conceitos espaciais; J. R. R. Tolkien; *O Hobbit*.

ABSTRACT

This work was born with the attempt to read Geography from Art, more specifically from the Literature. Therewith, the chosen theoretical and methodological path was that of cultural humanistic geography, as it is an approach that understands the geographic space based on meanings and experiences. The work we used was *The Hobbit* by J. R. R. Tolkien. A story that tells how a small person, a hobbit, accommodated and averse to adventures, takes a journey that will reverberate in the rest of his days, besides to influencing the future of Middle-earth. And it is in elapse of his wanderings that we get to know places, landscapes, regions and territories present in the geographical space imagined by Tolkien. Therefore, we initially developed a brief review of how these spatial concepts have changed throughout the history of Geography and, later, we contextualized how they are revealed in the narrative. Finally, it is evident that Geography is present in all forms of representation of the human being.

Keywords: cultural humanistic geography; literary geography; spatial concepts; J. R. R. Tolkien; *The Hobbit*.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa da jornada da Comitiva em <i>O Hobbit</i>	24
Figura 2 – Hobbits do Condado	25
Figura 3 – A Toca, lugar de Bilbo Bolseiro	26
Figura 4 – A Colina	28
Figura 5 – O Condado	29
Figura 6 – Os trols transformados em pedra em <i>O Senhor dos Anéis: A Sociedade do Anel</i>	31
Figura 7 – Valfenda	32
Figura 8 – A trilha da Montanha	33
Figura 9 – Nas Montanhas Nevoentas olhando para o Oeste	36
Figura 10 – Lar de Gwaihir	37
Figura 11 – Águias em direção à Corracha	38
Figura 12 – Beorn, Senhor da Selva	38
Figura 13 – A partida de Gandalf	40
Figura 14 – Entrando em Trevamata	41
Figura 15 – Bilbo sobre Trevamata	42
Figura 16 – O portão do rei élfico	43
Figura 17 – Cidade do Lago	44
Figura 18 – A Montanha Solitária	45
Figura 19 – As ruínas de Valle	45
Figura 20 – Quando a porta abre	46
Figura 21 – Jornada de Bilbo e dos anos	48
Figura 22 – Rei Thranduil	50
Figura 23 – O Tordo	52

Figura 24 – Os Trols	55
Figura 25 – O Grande Gobelín	56
Figura 26 – Gollum depois de perder o jogo	56
Figura 27 – Gwaihir, O Senhor das Águias	57
Figura 28 – O portão do rei élfico	59
Figura 29 – Smaug, O Dourado	60
Figura 30 – Smaug destrói a Cidade do Lago	62
Figura 31 – A Batalha dos Cinco Exércitos	64

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 CONCEITOS GEOGRÁFICOS	16
2.1 Lugar	17
2.2 Paisagem.....	18
2.3 Região	20
2.4 Território	22
3 APLICAÇÃO DOS CONCEITOS GEOGRÁFICOS NA OBRA <i>O HOBBIT</i>.....	24
3.1 O Lugar do hobbit – a Toca, a Colina e o Condado	25
3.2 As Paisagens – de Valfenda a Montanha Solitária.....	30
3.3 As Regiões além da Borda do Ermo.....	47
3.4 Os Territórios – dos Trols ao Dragão.....	54
4 CONCLUSÃO.....	65
REFERÊNCIAS	67

1 INTRODUÇÃO

Esse trabalho se inicia a partir do amor ao ato de ler, conseqüentemente pelos livros e por todo o conhecimento intrínseco que habita em cada narrativa. Dito isto, a abordagem humanista será o caminho que iremos trilhar, pois ela valoriza as experiências subjetivas, sentimentos e valores que atrelamos aos espaços socialmente construídos por meio das representações, na qual a literatura faz parte.

Segundo Bastos (1998) nós compreendemos a realidade por meio de uma construção de símbolos e sendo o espaço umas das formas de representar a realidade, o romance seria uma forma simbólica do real.

É desta forma que se torna instigante entender como ocorreu o processo de colaboração entre Geografia e Literatura, na qual Cavalcante (2020) conceitua como **geografia literária**.

No início da ciência geográfica, a literatura foi usada somente como um apoio ou complemento aos trabalhos realizados, segundo Brosseau (2007 *apud* CAVALCANTE, 2011, p. 34). Porém é a partir dos anos de 1970 com a Geografia Humanista norte-americana, que a literatura realista ganha relevância para os estudos da Geografia Regional por ser um elemento de “transcrição da experiência dos lugares e/ou como crítica da realidade e da ideologia dominante” (CAVALCANTE, 2011, p. 34).

Então quando pensamos em *Vidas Secas* (1938) de Graciliano Ramos ou em *O Quinze* (1930) de Rachel de Queiroz, somos levados a vivenciar toda aquela realidade do retirante como se estivéssemos vivendo aquela estiagem de fato, nos levando a compreender aquele momento histórico brasileiro (tempo e espaço). É dessa forma que através da literatura podemos ler a geografia. Lima (2000, p. 26) corrobora ao afirmar que:

Desta forma, através das obras literárias de cunho regionalista, podemos analisar o poder de visualização de um quadro ou de uma situação em um dado momento, mediante a percepção do escritor, fundamentada talvez em suas próprias memórias, impressões, observações dos lugares em que viveu ou que simplesmente, atravessou enquanto viajante, chegando então mais próximo da compreensão do sentido do espaço vivido, graças aos valores universais encontrados em suas obras.

Atualmente uma das principais contribuições das pesquisas que envolvem a interseção Geografia-Literatura é a possibilidade de apreender o espaço geográfico por meio das **geograficidades** que as narrativas literárias possuem, assim como suas **espacialidades**. Segundo Cavalcante (2020, p. 194), com base em Marandola Jr e Oliveira (2009) e Jacinto (2015):

[...] Como espacialidades, podemos entender a maneira como é organizado o espaço, no caso, o espaço literário, em sua lógica e processo de formação, considerando fatos históricos, ambiente físico, estruturas sociais, costumes e ideologias. Já as geograficidades, revelam os laços de cumplicidade que as personagens em sua individualidade e/ou coletividade estabelecem com o ambiente, colocando em relevo simbolismos, imaginações e imaginários, sentidos, identidades e afetividades. A primeira tende a ver a literatura como documento, expressão material da cultura, da sociedade e do momento histórico de um dado lugar, enquanto a segunda, concebe a literatura como (re)criadora de mundos, capaz de expressar a condição geográfica dos homens em sua pluralidade.

Sendo assim, a construção do palco que passa a narrativa (espaço) e seus personagens (sociedade), se torna algo fundamental, consequência do ato de imaginar de cada autor, no qual ele cria, sente e transmite em forma de narrativa. Portanto a aproximação dos geógrafos ao mundo artístico fez com que o campo de estudo da geografia se enriquecesse.

E as literaturas fantásticas? Poderia a geografia humanística dar conta daquelas realidades tão diferentes da nossa e que só existem na nossa imaginação e coração? Poderia ela estudar o que representa Hogwarts para o mundo da magia em Harry Potter; o que representa a criação de Nárnia para as relações sociais daqueles seres fantásticos ou como conceber as relações de poder dentro da Terra-média?

A resposta é sim. Nascimento (2016) afirma que a literatura, especificamente a literatura fantástica, é uma forma de representação das experiências humanas, mesmo sendo estórias que narram universos singulares, elas ainda mantêm fortes relações com o mundo real. Nestas estórias nos deparamos com sentimentos, com relações sociais, com uma ambiência, enfim com todos os elementos que compõe o cotidiano.

No caso deste trabalho é a vivência do autor J. R. R. Tolkien que servirá de inspiração para a criação de sua obra. Primeiramente devemos afirmar que antes de um escritor brilhante, Tolkien já era um filólogo excepcional e que desde criança já se mostrava habilidoso com a linguística.

Carpenter (2018) relata que foi a partir do desejo de Tolkien desenvolver as suas próprias línguas inspiradas no Inglês Antigo, que mais tarde se tornaria o Quenya e o Sindarin, que o autor produziu mitologias. Essas mitologias também tinham a finalidade de homenagear a história da Inglaterra, país que Tolkien tanta amou. Foi assim que nasceu a Terra-média.

No caso de *O Hobbit* (1937), uma obra que se passa na Terra-média, o próprio Tolkien serviu como inspiração para a criação do personagem Bilbo Bolseiro, um hobbit, isso é visto por seus gostos e semelhanças com as pessoas de sua família. Já os hobbits foram inspirados nos camponeses ingleses que Tolkien conheceu. Cavalcante (2020) chama isto de

geobiografia. Essa geografia da vida do autor é importante visto que ela abarca o contexto social e natural, na qual o autor fez uso para a criação de suas obras.

Nuñez (2010) também corrobora ao afirmar que os espaços reais servem de inspiração para a imaginação, ou seja, é a partir da realidade que a imaginação ganha forma. No caso de *O Hobbit* podemos relacionar o Condado com os campos ingleses de Sarehole, região de Birmingham, vivenciadas na infância do autor, por exemplo.

Mas afinal o que *O Hobbit* narra? Para aqueles que não conhecem, este livro conta a história de como Bilbo Bolseiro, um hobbit do Condado, participou de uma aventura auxiliando o anão Thorin Escudo de Carvalho e sua Companhia formada por Dwalin, Balin, Kili, Fili, Dori, Nori, Ori, Oin, Gloin, Bifur, Bofur e Bombur, também anões, juntamente ao mago Gandalf, na qual passaram por desafios com trols, elfos, gobelins, wargs e aranhas gigantes até chegarem ao lar dos anões na Montanha Solitária e reconquistá-lo das garras do dragão Smaug, e posteriormente defendendo em batalha a invasão desse território provinda de outros povos.

Um dos principais motivos que nos levaram a escolha desse tema foi o desejo de ler geografia a partir das produções artísticas, que nesse caso é a literatura fantástica. A escolha do livro, *O Hobbit* (1937), de J. R. R. Tolkien, justifica-se essencialmente pôr a obra ser genuinamente geográfica. Isso é visto desde o sentimento topofílico que o protagonista possui com o seu habitat; com a morfologia das paisagens apresentadas dentro da Terra-média; com os espaços de certa forma homogêneos que cada povo possui; e com as relações de poder que os povos estabelecem entre si. É desta forma que se mostra evidente a relevância da interpretação das categorias de análise espacial, visto que é por meio do espaço geográfico que nós interpretamos e conhecemos o mundo. Neste caso, o nosso “mundo” está representado por uma obra ficcional que não deixa de dialogar com a realidade.

Ademais, existe o fato dos pesquisadores possuírem fortes ligações afetivas e emocionais com a obra e com o autor, no qual o específico livro acabou se tornando um bálsamo mediante a atual conjuntura política e social do país. No mais esperamos contribuir para as pesquisas referentes a geografia literária, assim como servir de fonte de pesquisa para as obras voltadas para o fantástico, especialmente as obras de Tolkien, além de servir de incentivo para a leitura das mesmas.

É desta forma que o nosso objetivo geral é em investigar como as categorias de análise espacial são apresentadas na construção da trama literária. Dito isso, os objetivos específicos são: definir as categorias de análise espacial, que nesse caso são o lugar, a paisagem, a região e o território, contextualizando com a história da Geografia; e demonstrar,

com aplicações, como as categorias de análise espacial formaram a obra, assim a enriquecendo geograficamente.

Portanto a metodologia utilizada será a pesquisa bibliográfica a respeito dos conceitos espaciais, na qual procuraremos abarcar as suas principais características. Por fim, faremos uso de trechos e ilustrações do livro *O Hobbit* para melhor exemplificar como se apresenta o espaço geográfico do livro.

Por consequência, o presente trabalho está estruturado em quatro capítulos. O primeiro capítulo contém a introdução e uma breve explanação do que é a geografia literária; uma síntese da obra, *O Hobbit*, na qual será nosso objeto de estudo; assim como a justificativa que nos levou a escolha desse tema e as etapas que iremos trilhar para sanar os objetivos. O segundo apresenta as categorias de análise espacial que foram abordadas na obra e como essas categorias de análise evoluíram dentro da história da ciência geográfica. O terceiro capítulo compreende as aplicabilidades das categorias de análise espacial no contexto da obra e por fim, no quarto capítulo temos os desdobramentos e conclusões que o estudo produziu.

2 CONCEITOS GEOGRÁFICOS

A Geografia é uma ciência bastante ousada, visto que ela não privilegia apenas o estudo da sociedade ou da natureza, mas sim dialoga com essas duas áreas de conhecimento buscando refletir como uma afeta a outra e vice-versa.

Porém ela não nasceu assim. Com a chamada **Geografia Tradicional**, dos meados do século XIX, os estudos naturais foram mais privilegiados do que os estudos sociais. Isso ocorreu sobre uma forte influência do contexto histórico vigente, no qual buscava entender até qual ponto as características naturais influenciavam a vida das pessoas. Isso ficou conhecido como determinismo ambiental. Posteriormente o Possibilismo veio afirmar que o homem por meio da técnica cria novas “possibilidades” sobre a natureza. Esses pensamentos foram difundidos entre as escolas alemãs e francesas, respectivamente.

A partir dos anos 1950 com a **Geografia Quantitativa**, influenciada pelo neopositivismo, a Geografia tenta se tornar mais “científica” ao reforçar as pesquisas estatísticas. Isso fez com os dados qualitativos fossem deixados em segundo plano, nesse período.

Já em 1970 com a **Geografia Crítica**, influenciada pelo materialismo histórico e dialético, a Geografia se volta para o produto do trabalho social, fazendo uma crítica aos métodos predecessores e volta a pôr o homem no centro dos seus questionamentos.

Com a **Geografia Humanista**, inspirada pela fenomenologia, no final dos anos 1980 no Brasil, a questão passa a ser como o homem constrói sua própria geografia a partir das suas vivências e experiências.

É importante destacar que no meio dessas mudanças epistemológicas que ocorreram na Geografia ao longo dos anos, o conceito do que seria Geografia e qual o objeto de estudo dela também sofreu alterações. Isso é visto na apresentação do livro *Geografia: Pequena História Crítica* de Robert de Moraes (1981), por exemplo, e entre tantas outras obras que foram feitas com o intuito de compreender a epistemologia geográfica.

Outro autor que se preocupa com o objeto de estudo da Geografia é Milton Santos. Ele chega à conclusão que esse objeto é o **espaço geográfico** ou “um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações”.

Porém a totalidade desse espaço é algo muito complexo para se compreender de uma única vez. Santos (2006, p. 12) afirma,

[...] A coerência interna é obtida através da separação de categorias analíticas que, por um lado, dêem conta da respectiva superfície do real, própria a tal fração do

saber e, por outro lado, permitam a produção de instrumentos de análise, retirados do processo histórico. Os conceitos assim destacados devem, por definição, ser interno ao objeto correspondente, isto é, ao espaço, e ao mesmo tempo constitutivos e operacionais.

É desta forma que as categorias de análise espacial se tornam importantes para a compreensão do espaço. Visto isso, o presente capítulo apresentará os conceitos de lugar, paisagem, região e território, conceitos espaciais que são apresentados em *O Hobbit* e; como eles se modificaram ao longo da evolução da Geografia.

2.1 Lugar

Foi com os filósofos gregos que o lugar recebeu suas primeiras definições. Aristóteles já afirmava que o lugar era “o limite que circunda o corpo” (LEITE *apud* SUESS; RIBEIRO, 2017, p. 05).

No início da consolidação da Geografia como ciência, alguns autores como Paul Vidal de La Blache, acreditavam que esta era uma “ciência dos lugares e não dos homens”, conseqüentemente o lugar passou a ser sinônimo de localização geográfica (MOREIRA; HESPANHOL, 2007) na qual os elementos naturais foram privilegiados em comparação aos estudos sociais, por exemplo: regiões naturais e meios naturais. Com isso a chamada Geografia Tradicional desenvolveu visões deterministas e possibilistas em relação a natureza com as escolas alemãs e francesas, respectivamente.

Com a Geografia Quantitativa dos anos 1950, influenciado pelo positivismo, o lugar é conhecido simplesmente por meio de números (latitude, longitude, elevação, população, área, dentre outras). Neste período os dados estatísticos ganham relevância, assim como os primeiros trabalhos descritivos sobre os lugares.

Já na década de 1970, a Geografia ganha duas novas correntes: a Humanística e a Crítica. Elas tinham em comum o fato de criticar o positivismo e ambas buscavam “a compreensão do mundo e a busca de explicações sobre a relação sociedade natureza e os elementos intrínsecos nessa relação” (HOLZER, 1997 *apud* MOREIRA; HESPANHOL, 2007, p. 50).

Segundo Leite (2018), a Geografia Crítica, influenciada pelo materialismo histórico e dialético, trabalha o conceito de lugar inerente ao conceito de espaço geográfico. Este último era visto como um produto social e histórico do trabalho. Para a autora, o lugar é visto como palco onde o espaço é reproduzido. Segundo Leite (2018, p. 05),

Como a produção do espaço é um processo que se constitui em escala mundial e essa dimensão não é concreta, a despeito de se estabelecer concretamente no território, o lugar se apresenta como a via onde a abstração da produção do espaço se materializa: [...] Importante destacar, nesse contexto, que existe uma diferença entre lugar e local: o primeiro refere-se ao ponto de articulação entre o mundial que se anuncia e a especificidade histórica do particular. É onde se vive, onde o cotidiano se realiza e por isso, expressa o caráter mundial. Daí sua importância, ou seja, para compreender o processo de produção do espaço, que é mundial, basta analisar o lugar que é onde aquela produção toma forma concreta, se materializa, se reinventa e confere novos significados a esse lugar [...].

Contudo, foi com a corrente humanística, influenciada pela fenomenologia e pelo existencialismo, que o estudo sobre o lugar ganha destaque. Isto é visto com o resgate do trabalho de Eric Dardel em *O homem e a Terra* (1952). No Brasil, especialmente, isso ocorre nas décadas de 1980 e 1990 com os estudos de Yi-Fu Tuan e seu amor aos lugares (topofilia). Esta corrente percebe o mundo como um espaço vivido cotidianamente, ou seja, são as experiências intersubjetivas dos sujeitos ao longo do tempo que formam os lugares.

Em síntese, Leite (2018, p. 08) afirma o seguinte:

A Geografia Humanística considera a valorização do ser humano e nesse contexto revaloriza os conceitos de paisagem, lugar e região, destacando a existência dos sujeitos e de seu sentimento de pertencimento a um dado espaço. Nessa perspectiva, o lugar assume uma personalidade, que se manifesta na história de cada sujeito, constituindo-se realidade na consciência individual, a partir do relacionamento com o espaço. O lugar é um núcleo de significados imprescindível para a configuração da identidade individual de cada sujeito, membro de uma determinada comunidade. Assim, é possível afirmar que conceito de lugar passa a ser compreendido como uma categoria da Geografia, que transcende a delimitação espacial de uma porção de terra, que está contemplada numa dimensão subjetiva das mentes, memórias e histórias de vida, articuladas por uma relação emocional entre sujeitos. Essa corrente teórica demonstrou a importância da valorização do recorte espacial lugar, enquanto um espaço no qual as ideias, sentimentos espaciais e emoções dos sujeitos que o compartilham são considerados.

À vista disto que iremos incorporar o conceito de lugar presente no livro *O Hobbit*, pois buscaremos estabelecer a relação afetiva que o protagonista mantém com o seu “lugar” de origem mesmo com a distância (Bilbo Bolseiro com o Condado), assim como o ato de fazer lugar em decorrência da vivência pelo espaço geográfico (jornada para Erebor através da Terra-média).

2.2 Paisagem

Desde os homens primitivos a paisagem já era descrita, mais especificamente, com a pintura rupestre. Porém, foi durante o Renascimento que a pintura de paisagem se tornou famosa ao retratar realisticamente os elementos naturais, assim como a elaboração de

jardins, na qual representava o homem modelando a natureza, considerando uma vitória deste e tornando-se um dos marcos para a história do paisagismo.

Já a Ciência viu a paisagem inicialmente como forma de descrever as formas naturais e posteriormente usou as práticas humanas como uma maneira de separar a paisagem em: natural e cultural. Salgueiro (2001) inclui que muitos pesquisadores acreditam que paisagens naturais de fato não existem devido a intensa ação humana.

Para a ciência geográfica, a paisagem nasceu a partir da observação de áreas homogêneas e os primeiros pesquisadores que usaram o conceito foram Alexander Von Humboldt, Carl Ritter e Friedrich Ratzel, durante o século XIX, porém cada um com suas particularidades. E foi assim que, durante muito tempo, a paisagem foi vista como uma fração do espaço que abarcamos com o olhar e categorizamos.

Com a Nova Geografia, a paisagem passou a ser vista como um sistema ou geossistema. Os principais pesquisadores dessa área foram Georges Bertrand, Victor Sotchava e Jean Tricart. Essa linha de pesquisa facilitava a interdisciplinaridade com as ciências naturais, principalmente com a biologia.

Salgueiro (2001) afirma que ao longo da evolução da geografia, esse conceito passou de uma lógica racional de objeto quantificável para uma lógica fenomenal, na qual, passa a ter uma relação sujeito-objeto. A autora também demonstra que para os geógrafos humanistas, “a paisagem é principalmente uma construção mental a partir da percepção e vivência no território” (SALGUEIRO, 2001, p. 44).

Risso (2008) contribui ao dizer que “dentro de uma visão humanista, o olhar se volta para a paisagem simbólica, ou seja, nela estão presentes não somente a materialidade da cultura e da Natureza, mas também os sentimentos, os valores, em relação às paisagens” (RISSO, 2008, p. 72).

Segundo Furlanetto e Kozel (2014) é a cultura que modela a paisagem natural produzindo uma paisagem cultural. Essa paisagem cultural é decorrente da cada experiência individual e daquelas que vieram antes, e ao abranger questões objetivas e subjetivas do espaço vivido, a paisagem exprime a identidade dos grupos culturais. Furlanetto e Kozel (2014, p. 226) sintetizam ao afirmar que:

A paisagem exprime o sentido que uma sociedade dá à sua relação com o espaço e com a natureza: a paisagem é, simultaneamente, marca e matriz da cultura, segundo Berque (1998), pois expressa uma civilização e transmite uso e significações de uma geração à outra. Assim, a análise da paisagem não se limita ao aspecto visual, pois a visão é insuficiente para captar os elementos físicos e simbólicos da paisagem.

Nesta pesquisa abordaremos a paisagem no seu sentido fenomenológico, assim como o deslocar dos personagens (hobbit, mago e anões) pelas distintas paisagens (Valfenda, Montanhas Nevoentas, Grande Patamar, Carrocha, Trevamata, Esgaroth – Cidade do Lago) até o seu destino (Erebor – Montanha Solitária) e quais os sentimentos que os personagens possuem com relação a essas paisagens.

Em resumo, podemos pensar o seguinte: “a paisagem se constitui na experiência sensível e do invisível e assume uma totalidade não dita, mas sentida, no ser-lançado-no-mundo, ou seja, na vida cotidiana tácita característica da experiência no mundo da vida” (MARANDOLA JR, 2014, p. 11).

2.3 Região

O termo região tem origem no período do Império Romano, na qual as *regiones* eram áreas submissas socialmente, politicamente, economicamente e culturalmente ao poder de Roma (GOMES, 2000; NÓBREGA, 2015). Com a Idade Média, a Igreja Católica usa as regiões como forma de controlar e administrar o seu domínio. E isto continua com a formação dos primeiros Estados-Nações do continente Europeu, na qual a união regional era usada como forma de legitimação em decorrência ao inimigo exterior, o diferente, segundo Gomes (2000). É dessa forma que o conceito região nasce com um caráter político e administrativo.

Para as ciências, em especial, as ciências naturais como a Biologia e a Geologia, a noção de região está vinculada com “a localização de um certo domínio” (GOMES, 2000, p. 54), como por exemplo, o domínio de uma determinada planta. Consequentemente o estudo dos componentes geoambientais pela geologia, influenciou os geógrafos como Paul Vidal de La Blache, a verem as bacias hidrográficas como formas de delimitar as regiões naturais.

É devido às regiões naturais que nasce o embate do determinismo ambiental alemão, defendido por Friedrich Ratzel, versus o possibilismo francês, defendido por Paul Vidal de La Blache, durante o fim do século XIX e início do século XX. O determinismo ambiental afirma que o ambiente natural influencia no desenvolvimento humano, já o possibilismo acredita que é através da ação humana, por meio da técnica, que se abre a “possibilidade” para a transformação da natureza. Deste embate, resulta a região geográfica ou a região-paisagem. Silva (2017, p. 78-79) afirma que:

Neste confronto nasce a noção de região geográfica ou mesmo, região-paisagem, caracterizada como uma entidade concreta, palpável, um dado com vida, produto do trabalho humano em um determinado ambiente. Nas diversas falas em torno desta

região, a combinação de elementos naturais e humanos se entrelaçaria harmonicamente e de forma equilibrada, onde a análise descritiva e prévia do pesquisador revelaria a particularidade e a forma singular de determinada área/região, pois as mesmas características não se repetiriam no espaço.

É nesse período que as monografias regionais começam a ser feitas. O objetivo era desenvolver uma síntese dos dados físicos, humanos e econômicos, de uma determinada área, assim elaborando um estudo voltado para as particularidades de cada região, tornando-as únicas. Um grande defensor desses estudos sobre a diferenciação de áreas era Richard Hartshorne, que via este método, como uma forma de elaborar classificações gerais globais, ou seja, regionalizar o globo. Segundo Gomes (2000) essa forma de estudo ficou conhecido como método regional. Foi importante para a história da ciência geográfica, pois possibilitou a união entre a geografia física e a geografia humana.

Na década de 1950, com a difusão e crescimento do capitalismo, as ciências renovaram o seu método de pesquisa, com o objetivo de acompanhar as mudanças que estavam ocorrendo no mundo. Na Geografia não foi diferente. Influenciada pelo positivismo, o estudo regional passou a ser feito a partir da quantificação e análise de estatísticas a fim de elaborar leis gerais a respeito das regiões. Com isso as regiões foram classificadas em áreas a partir de critérios lógicos. Os principais apoiadores foram os governos. É desta forma que surgem as: regiões homogêneas, região funcionais, regiões polarizadas etc. (GOMES, 2000; NÓBREGA, 2015; SILVA, 2017).

A região era definida como uma reunião de classes de áreas que possuem similaridades na sua organização interna; capazes de revelar muito mais semelhanças que divergências, assim estes lugares se organizam em uma espécie de bloco ou grupo homogêneo, o que os torna facilmente diferenciáveis daqueles que não compõem os mesmos padrões organizacionais. (NÓBREGA, 2015, p. 114).

Na década de 1970, os estudos passaram a se preocupar com as consequências do rápido crescimento econômico visto no período anterior. A Geografia, influenciada pelo materialismo histórico e dialético, renova-se. Ela afirmava que durante esses 20 anos, a própria ciência geográfica tinha servido de instrumento para “naturalizar o capitalismo” e que a região tinha se tornado um produto do desenvolvimento espacial desigual (GOMES, 2000). Na visão dos pesquisadores dessa corrente, a região deveria se preocupar com o estudo da divisão social do trabalho, pois é ela quem produz o espaço.

Na década de 1980, a Geografia se reaproximou com a abordagem humanista e o método fenomenológico. A região agora necessita ser vivenciada para ser compreendida. Nóbrega (2015, p. 118) colabora ao afirmar que:

A região, no limite, é concebida como um arranjo de características culturais entre um grupo social e um conjunto de lugares. A região é um conjunto de apropriações realizadas a partir de elementos simbólicos que revelam uma conexão dos indivíduos com a terra que ocupam. Esse ponto ocupado no espaço revela grandes conteúdos sentimentais que aferem a cada recorte de terra o grau de lugar, por isso é o espaço em que as pessoas se reconhecem, onde a apropriação se dá através e com o corpo.

Nesta pesquisa abordaremos a região à luz do humanismo, visto que ela é apreendida pelo leitor a partir da visão que os protagonistas (hobbit, mago e anões) possuem em relação a organização do ambiente natural dos outros povos (trols, elfos, gigantes de pedra, gobelins, wargs, águias, troca-peles, aranhas gigantes, humanos e dragão).

2.4 Território

Inicialmente quando pensamos em território nos vem à mente a ideia de soberania, domínio, controle e/ou poder sobre uma determinada área (CLAVAL, 1999; MACHADO, 1997; TERRA, 2009). Na História, esta ideia é vista na expansão do Império Romano, na exploração das colônias pelos países europeus durante o século XVI e mais recentemente com a globalização de mercado.

Contudo, este conceito surgiu primeiro nas ciências naturais, especialmente, com a Botânica e a Zoologia, pois elas eram as responsáveis pelos estudos das distribuições e domínios de animais e plantas em decorrência da sua localização. Na Geografia, foi no fim do século XIX, que o território entra para o vocábulo desta ciência e é influenciado pelos estudos etológicos (ciência que estuda o comportamento dos animais em seus habitats) que Friedrich Ratzel desenvolve o conceito de espaço vital. Para Machado (1997, p. 24),

[...] Ratzel desenvolve uma leitura jurídica como base de sustentação do conceito de território, na qual procura transferir a noção de domínio natural para as ciências sociais através da ideia de propriedade. Assim, o território passa a representar uma parcela do espaço terrestre identificada pela posse, uma área de domínio de uma comunidade ou de um Estado.

Ratzel desenvolveu este ponto de vista a partir do contexto histórico na qual a Alemanha não era unificada e também como forma de legitimar o seu expansionismo e a formação de um Estado. Desta forma, foi estabelecida a relação de poder entre território e Estado-Nação, na qual a territorialidade era dada “através da fixação de capital e de trabalho materializado no solo que, por sua vez, marcavam os limites político-territoriais” (MACHADO, 1997, p. 24-25). Terra (2009) corrobora que, sem o território, o Estado não existe, pois é dele que provêm as condições humanas necessárias para a vivência de uma

sociedade.

Foi com a Geografia Quantitativa, por volta dos anos de 1950, que o conceito de território foi quase totalmente esquecido, visto que devido a influência do neopositivismo para a geografia, esta lia o espaço através de números. Logo a organização espacial e o estudo da paisagem foram mais privilegiados (TERRA, 2009).

Já com a Geografia Crítica, dos anos 1970, baseada pelo materialismo histórico e dialético, o território foi pensando a partir de como é usado pelo trabalho social, porém, agora a escala ultrapassa as fronteiras nacionais com a globalização. É neste período, que a ciência geográfica busca compreender as mudanças econômicas e políticas geradas pelo capitalismo e quais as suas consequências para as relações sociais. Segundo Terra (2009, p. 23):

Desta forma, o território que reemerge não tem nada a ver com o conteúdo geopolítico da definição de Estado-Nação que lhe conferiu originalmente o geógrafo alemão Friedrich Ratzel. *O retorno do território*, como aludiu Milton Santos (1994), está relacionado às mudanças sócio espaciais e político-institucionais do capitalismo em sua fase pós-fordista (Harvey, 1993). Tratam-se dos efeitos mais gerais da reestruturação dos processos produtivos, que não apenas se internacionalizam, mas também recompõem e afetam os territórios e as localidades que são a projeção particular sobre um espaço determinado. Nesse sentido, o território emerge como um processo vinculado à globalização, sobretudo porque a nova dinâmica econômica e produtiva depende de decisões e iniciativas que são tomadas e vinculadas em função do território.

E foi com a Geografia Humanista dos anos 1980, inspirada pela fenomenologia, que a ciência geográfica ganha uma ótica simbólica e subjetiva, na qual compreende o espaço como espaço vivido e passa a representar uma identidade social.

Outro autor que colabora com visão próxima a esta é Rogério Haesbaert (1997) ao discutir a junção de Arte e Geografia. Ele afirma que os símbolos criam “apropriações estéticas específicas, capazes de fortalecer uma identidade coletiva” produzindo assim, identidades territoriais (HAESBAERT, 1997, p.24).

É levando em conta essa pluralidade de concepções apresentadas que compreenderemos como são estabelecidas as relações de poder que os personagens mantêm com os outros povos ao longo da sua jornada.

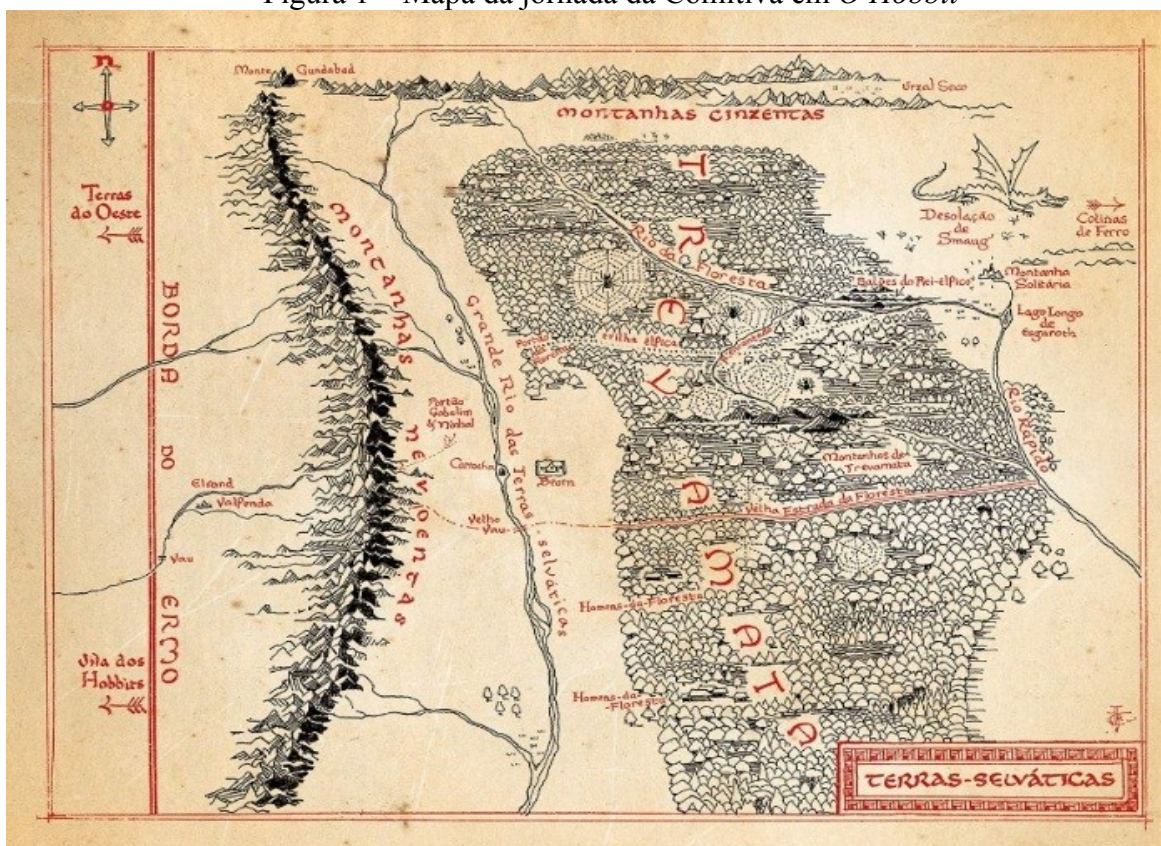
3 APLICAÇÃO DOS CONCEITOS GEOGRÁFICOS NA OBRA *O HOBBIT*

Neste capítulo iremos abordar como os conceitos geográficos – lugar, paisagem, região e território – são apresentados no livro *O Hobbit*, mais especificamente na edição de 2019 da Harper Collins Brasil. Iremos fazer uso de alguns trechos do livro para melhor exemplificar, além de imagens dos principais ilustradores (Alan Lee, John Howe e Ted Nasmith) das obras de Tolkien, assim como ilustrações e gravuras que o próprio produziu.

Também destacamos que não iremos trabalhar com a temporalidade dos acontecimentos da narrativa, mas sim como cada trecho melhor se adéqua aos conceitos apresentados, visto que um mesmo acontecimento pode abranger mais de um conceito.

O mapa a seguir (Figura 1), ilustra o caminho que a Companhia irá percorrer ao longo de sua jornada, desde a saída do Condado, lar do hobbit, ao oeste, até a chegada à Montanha Solitária, ao leste. Também, ele serve como um esboço da divisão paisagística e territorial que o leitor, e especialmente, o personagem Bilbo, o hobbit, conhecerá.

Figura 1 – Mapa da jornada da Comitiva em *O Hobbit*



Fonte: *O Hobbit* (2019).

Mas afinal o que é um hobbit?

[...] Eles são (ou eram) um povo pequeno, com cerca de metade da nossa altura, e menores do que os Anãos barbados. Hobbits não têm barba. Há pouca ou nenhuma magia neles, exceto a do tipo comum e cotidiano que os ajuda a desaparecer em silêncio e rapidamente quando gente estúpida e grande como você e eu chega desengonçada, fazendo um barulho feito o de elefantes, que eles conseguem escutar a uma milha de distância. Têm inclinação a serem gordos na barriga; vestem-se com cores vivas (principalmente verde e amarelo); não usam sapatos, porque seus pés têm solas cascudas naturais e pelos grossos, quentinhos e castanhos como os cabelos da cabeça deles (que são encaracolados); possuem dedos compridos, hábeis e morenos, rostos bem-humorados, e dão risadas profundas e animadas (especialmente depois do jantar, que consomem duas vezes por dia, quando conseguem). (TOLKIEN, 2019, p. 28).

Dito isso é difícil imaginar algum hobbit (Figura 2) participando de uma aventura, mas foi exatamente o que ocorreu.

Figura 2 – Hobbits do Condado



Fonte: O Senhor dos Anéis: A Sociedade do Anel (2001).

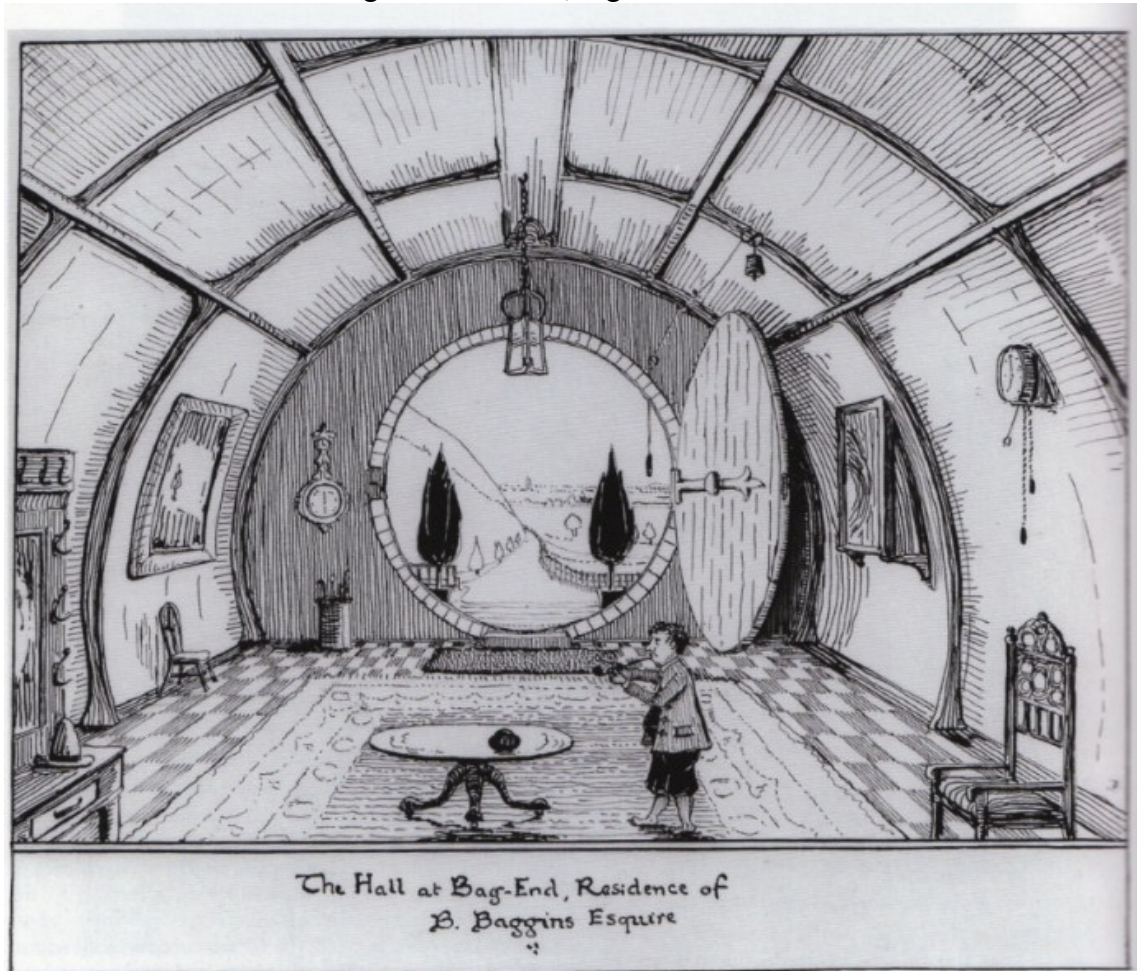
3.1 O Lugar do hobbit – a Toca, a Colina e o Condado

Um dos primeiros contatos que temos com o conceito de lugar é o nosso lar, segundo Tuan (2014; 2018). E é desta forma que se inicia *O Hobbit*, pois nos seus primeiros parágrafos, ele nos mostra as características da moradia de um hobbit, especificamente a toca (Figura 3) mais luxuosa do Condado que pertence ao nosso protagonista, Bilbo Bolseiro.

Com isso percebemos como a sua casa (toca) nos traz uma sensação de conforto e segurança, além de ser um ambiente amável e caloroso, e por meio dela podemos distinguir a natureza inicial do protagonista, assim como o de seu povo a mostrarem-se avessos a aventuras ou qualquer coisa que fuja de um certo “nível de respeito”, além de uma tendência a

uma vida acomodada e tranquila. Também compreendemos o que a presença do mago Gandalf representa a essa comunidade, na qual ele acaba se tornando sinônimo de problemas.

Figura 3 – A Toca, lugar de Bilbo Bolseiro



Fonte: *O Hobbit* (2019).

Assim nos é apresentado o lugar de Bilbo Bolseiro:

Numa toca no chão vivia um hobbit. Não uma toca nojenta, suja, úmida, cheia de pontas de minhocas e um cheiro de limo, nem tampouco uma toca seca, vazia, arenosa, sem nenhum lugar onde se sentar ou onde comer: era uma toca de hobbit, e isso significa conforto. Ela tinha uma porta perfeitamente redonda feita uma escotilha, pintada de verde, com uma maçaneta amarela e brilhante de latão exatamente no meio. A porta se abria para um corredor em forma de tubo, feito um túnel: um túnel muito confortável, sem fumaça, de paredes com painéis e assoalhos azulejados e acarpetados, com cadeiras enceradas e montes e montes de cabideiros para chapéus e casacos – o hobbit apreciava visitas. O túnel seguia em frente, continuando quase (mas não totalmente) em linha reta pela encosta da colina – A Colina, como toda a gente por muitas milhas ao redor a chamava -, e muitas portinhas redondas se abriam a partir dele, primeiro de um lado e depois do outro. Nada de segundo andar para o hobbit: quartos, banheiros, adegas, despensas (muitas dessas), armários (ele tinha cômodos inteiros dedicados a roupas), cozinhas, salas de jantar, todos ficavam no mesmo andar e, de fato, na mesma passagem. Os melhores cômodos estavam todos do lado esquerdo (de quem entrava), pois esses eram os

únicos a ter janelas, janelas fundas e redondas que davam para o jardim dele e para os prados mais distantes, que desciam até o rio. (TOLKIEN, 2019, p. 27).

Com um lar tão bonito assim, não é de se estranhar que Bilbo tenha ficado tão surpreso com a chegada dos anões em sua toca. Isso fica evidente no momento do jantar em que os anões pegam as louças e utensílios domésticos do hobbit e este sai correndo gritando para terem cuidado com as suas coisas. Isso mostra como ele era zeloso com os seus objetos e também como as refeições tem um papel importante na vida dos hobbits.

Porém, quando os anões cantam a canção sobre a Montanha Solitária e seu tesouro, percebemos o lado Tûk da família de Bilbo, ou seja, a porção de sua família por parte de mãe que gostava de aventuras, e com isso nasce um desejo de ver mais de perto as belezas e riquezas da Terra-média, mas logo esse desejo desaparece e o medo de algum mal afligir o Condado se torna maior.

Enquanto cantavam, o hobbit sentia o amor pelas coisas belas feitas por mão e por engenho e por magia aticando-se em suas entranhas, um amor feroz e ciumento, o desejo dos corações dos anões. Então alguma coisa típica dos Tûks despertou dentro de Bilbo, e ele desejou partir, e ver as grandes montanhas, e ouvir o balouçar dos pinheiros e as quedas-d'água, e explorar as cavernas, e usar uma espada em vez de um bastão de caminhada. Olhou para fora pela janela. As estrelas tinham aparecido no céu escuro acima das árvores. Pensou nas jóias dos anões brilhando em cavernas escuras. De repente, na mata além d'O Água, uma chama saltou – provavelmente alguém acendendo uma fogueira – e ele imaginou dragões saqueadores pousando em sua Colina tranquila e devorando-a com suas chamas. Estremeceu; e, mais do que depressa, voltou a ser o simples Sr. Bolseiro de Bolsão, Soto-Monte, outra vez (TOLKIEN, 2019, p. 40-41).

Mesmo assim, Bilbo aceita o convite de ser o décimo quarto membro da Companhia de Thorin. Quando se junta a eles, logo percebe que não está levando nada consigo. Isso pode significar que ele não possui nada que possa se lembrar da sua casa enquanto está longe da mesma, mas graças a Gandalf, ele recebe seu cachimbo e seu tabaco.

Pode-se dizer que esses dois únicos itens serão os responsáveis por estabelecer a conexão da memória afetiva do hobbit com o seu lugar ao longo da sua jornada.

Depois de algum tempo, procurou seu cachimbo. Não estava quebrado, e isso já era alguma coisa. Depois procurou seu bernal, e havia algum tabaco dentro dele, e isso já era alguma coisa a mais. Então procurou fósforos, e não conseguiu achar nenhum, o que destroçou completamente suas esperanças. (TOLKIEN, 2019, p. 95).

Já o Condado (Figura 5), é a região na qual se encontra a Colina (Figura 4). É uma área composta por pessoas decentes, boas estradas e algumas estalagens. De paisagem sempre verde, ensolarado e com riachos, ele será sempre lembrado por Bilbo, principalmente, nos momentos de maiores desafios e perigos. Nos chama atenção que é nos momentos mais

desagradáveis que a saudade do seu lugar se torna mais forte.

O primeiro momento que podemos visualizar isso é quando Bilbo olha para os picos das Montanhas Nevoentas, mas já acreditando que tinha chegado na Montanha Solitária.

“Oh!”, disse Bilbo, e naquele exato momento se sentiu mais cansado do que jamais lembrava de se sentir antes. Estava pensando mais uma vez na sua cadeira confortável, diante do fogo em sua sala de estar favorita da toca de hobbit e na chaleira cantando. Não foi a última vez! (TOLKIEN, 2019, p. 70).

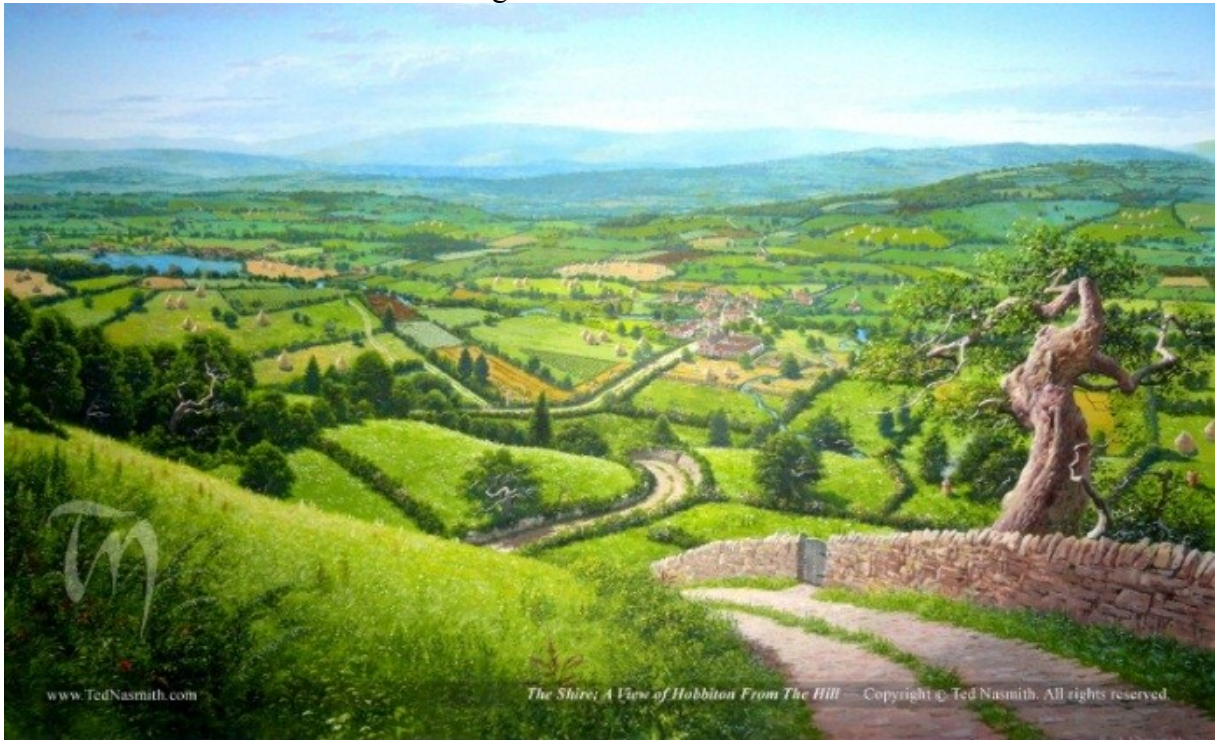
Então, regiões como as Montanhas Nevoentas ou a Trevamata, só reforçam a sua melancolia de casa, criando assim uma aversão a tudo que é oposto ao seu lugar de origem.

Figura 4 – A Colina



Fonte: *O Hobbit* (2019).

Figura 5 – O Condado



Fonte: Ted Nasmith [20--].

Contradizendo a ideia de que se precisa de certa temporalidade para um local se tornar lugar, segundo Tuan (1978, 1983 *apud* HOLZER, 1999, p. 73), Bilbo passa um período não superior a mais que duas semanas em Valfenda e já tem ela como um lugar acolhedor. Nesta passagem podemos visualizar perfeitamente o que é a “pausa do movimento” mencionada pelo Tuan para a conformação de um lugar.

Ora, é uma coisa estranha, mas coisas que são boas de aproveitar e dias que são bons de passar a gente acaba descrevendo rápido e não é grande coisa ouvir sobre eles; enquanto coisas que são desconfortáveis, palpitações, ou mesmo sanguinolentas podem acabar virando uma boa história e, de qualquer jeito, precisam de um tempão para ser contadas. Eles ficaram muito tempo naquela boa casa, catorze dias pelo menos, e acharam difícil deixá-la. Bilbo teria ficado contente por lá para todo o sempre – mesmo supondo que bastasse desejar para que fosse transportado diretamente de volta à sua toca de hobbit sem incômodos. (TOLKIEN, 2019, p. 75).

Outro fato que podemos compreender o motivo de Valfenda ter se tornado um verdadeiro lugar para a Companhia, se dá pelo próprio nome em élfico, Imladris, que significa a Última Casa Hospitaleira ou a Última Casa Amiga, na antiga tradução. Com isso, fica evidente que depois dessa parada o caminho só tende a se tornar mais desafiador.

A seguir, destacamos outro trecho que reforça a importância da parada em Valfenda para a continuação da jornada.

Queria ter tempo para lhe contar só algumas das histórias, ou uma ou duas das canções que eles ouviram naquela casa. Todos eles – os pôneis também – ficaram recuperados e fortes após poucos dias ali. Suas roupas foram emendadas, assim como seus arranhões, seus ânimos e suas esperanças. Seus alforjes se encheram de comida e provisões leves de carregar, mas duráveis o suficiente para que conseguissem atravessar os passos das montanhas. Seus planos foram corrigidos com os melhores conselhos. Assim chegou o dia da véspera do meio-do-verão, e eles se preparam para continuar a jornada com o sol nascente do dia seguinte. (TOLKIEN, 2019, p. 76).

É a partir do lugar ou melhor, dos lugares Condado e Valfenda, que Bilbo e a Comitativa partem para novas aventuras ou outras geografias, formadas por novas paisagens, regiões e territórios.

Depois da aventura é curioso perceber como Bilbo, antes visto como respeitável pelos hobbits do Condado, passa a ser tratado como o “esquisito”, mostrando assim o poder transformador que a experiência de sua jornada para Erebor mudou a sua relação com a comunidade que ele pertencia, até mesmo com o lado Tûk de sua família. Em contrapartida, o seu espaço geográfico ampliou-se, tanto por novas relações de amizade com outros seres, quanto por novos lugares conhecidos.

De fato, Bilbo descobriu que tinha perdido mais do que as colheres — tinha perdido sua reputação. É verdade que, pelo resto da vida, continuou a ser um amigo-dos-elfos, e era honrado por anãos, magos e toda a gente desse tipo que passava por aquele lado; mas não era mais exatamente respeitável. Todos os hobbits da vizinhança, de fato, consideravam-no “esquisito” — exceto seus sobrinhos e sobrinhas do lado Tûk da família, mas até eles não eram encorajados pelos mais velhos a manter aquela amizade. (TOLKIEN, 2019, p. 321).

3.2 As Paisagens – de Valfenda a Montanha Solitária

Desde a partida do Condado, os elementos que compõem a paisagem natural vão se alterando (geomorfologia, solo, clima, recursos hídricos, vegetação e fauna), assim como a presença de variados povos afirmam novas paisagens culturais.

Outro ponto a ser destacado é como a variação de luminosidade define o grau de segurança ou perigo. Desta forma, o Condado é o lugar mais ensolarado que encontramos na obra, contrastando com a Montanha Solitária.

Também percebemos a alteração das paisagens por meio das dicotomias que Tolkien faz uso, por exemplo: quente e frio, acima da terra e no interior das Montanhas, sobre o monte e sob o monte (que, aliás, dá nome a um dos capítulos do livro), etc. E principalmente serão os sentimentos que a Companhia constrói pelas paisagens (RISSO, 2008), no decorrer da sua jornada que irá delimitar a intensidade de afeto ou fobia pôr cada

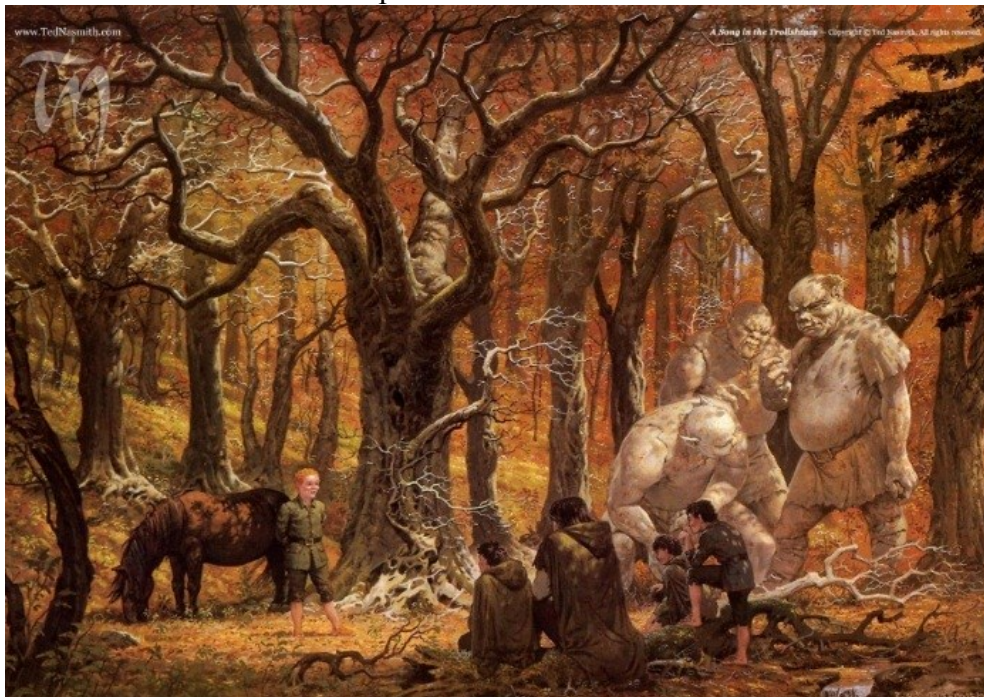
ambiente.

As primeiras paisagens que nos são apresentadas logo após a saída do Condado já não possuem povoados e as estradas são de péssimas condições. Outra mudança ocorre no clima, pois passa a ser mais frio e úmido e no avançar da aventura, esse clima mais frio torna-se mais intenso.

“E pensar que logo vai ser junho”, resmungou Bilbo, enquanto chapinhava atrás dos demais numa trilha muito lamacenta. Era depois da hora do chá; a chuva desabava, como fizera o dia inteiro; seu capuz jogava pingos d’água em seus olhos, seu manto estava ensopado; o pônei, cansado, tropeçava nas pedras; os outros estavam rabugentos demais para conversar. “E tenho certeza que a chuva molhou as roupas limpas e nossos alforjes de comida”, pensou Bilbo. “Para os diabos com a gatinagem e tudo o que tem a ver com ela! Queria estar em casa, na minha toca gostosa, ao lado do fogo, com a chaleira começando a cantar!” Não foi a última vez que desejou isso. (TOLKIEN, 2019, p. 57).

No caminho para Valfenda ocorre o encontro da Comitiva com os três trols. Essa paisagem é composta por bosques de árvores, e esse bosque em especial, acaba tornando-se uma espécie de marco espacial, pois por meio da esperteza de Gandalf, os trols são enganados e acabam transformando-se em estátuas de pedras. Este marco fica evidente em *O Senhor dos Anéis: A Sociedade do Anel* (1954), livro posterior ao *O Hobbit*, no momento em que Frodo, sobrinho de Bilbo, passa por esse mesmo local e percebe que as aventuras do tio tinham sido verdadeiras (Figura 6).

Figura 6 – Os trols transformados em pedra em *O Senhor dos Anéis: A Sociedade do Anel*



Fonte: Ted Nasmith [20--].

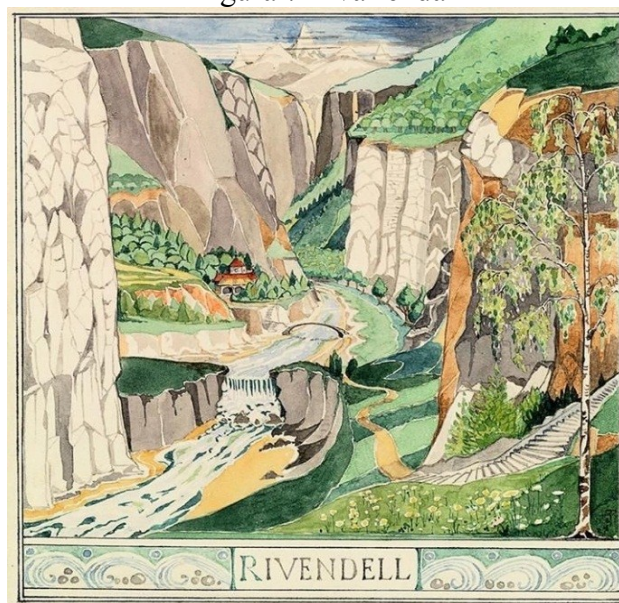
Ao chegar em Valfenda, a paisagem apresentada possui uma similaridade com a paisagem do Condado, visto que é um ambiente seguro e acolhedor, na qual propicia que a Comitiva descanse e planeje o restante da viagem. Porém, se não fosse pela condução de Gandalf, dificilmente eles teriam conseguido chegar até lá, já que Valfenda possui um difícil acesso.

Chegaram a vales inesperados, estreitos e com encostas íngremes, que se abriam de repente a seus pés, e olhando para baixo, surpresos, viram árvores abaixo deles, e água corrente no fundo. Havia gargantas que quase podiam atravessar saltando, mas que eram muito profundas, com quedas d'água dentro delas. Havia ravinas escuras que não podiam ser saltadas nem escaladas. Havia charcos, alguns deles eram lugares verdes e agradáveis de se olhar, com flores crescendo neles, luzentes e altas; mas um pônei que ali andasse com carga em seu lombo nunca conseguiria sair. (TOLKIEN, 2019, p. 71).

Mas no decorrer da aproximação com a Última Casa Hospitaleira (Figura 7) a paisagem vai se tornando mais serena e bonita, ao ponto de Bilbo ficar com sono.

Viram um vale lá embaixo. Podiam ouvir a voz da água apressada num leito rochoso no fundo; o perfume das árvores estava no ar; e havia uma luz na encosta do vale, do outro lado da água. Bilbo nunca esqueceu a maneira como eles deslizaram e escorregaram no lusco-fusco, descendo o caminho íngreme em zigue-zague que levava ao vale secreto de Valfenda. O ar ficou mais cálido conforme iam descendo, e o cheiro dos pinheiros o deixou sonolento, de modo que, de vez em quando, ele cochilava e quase caía, ou batia seu nariz no pescoço do pônei. O ânimo deles se elevava conforme desciam cada vez mais. As árvores mudaram e apareceram faias e carvalhos, e havia uma sensação confortável no crepúsculo. Os últimos tons de verde tinham quase sumido da relva quando chegaram finalmente a uma clareira não muito acima das barrancas do riacho. (TOLKIEN, 2019, p. 72).

Figura 7 – Valfenda

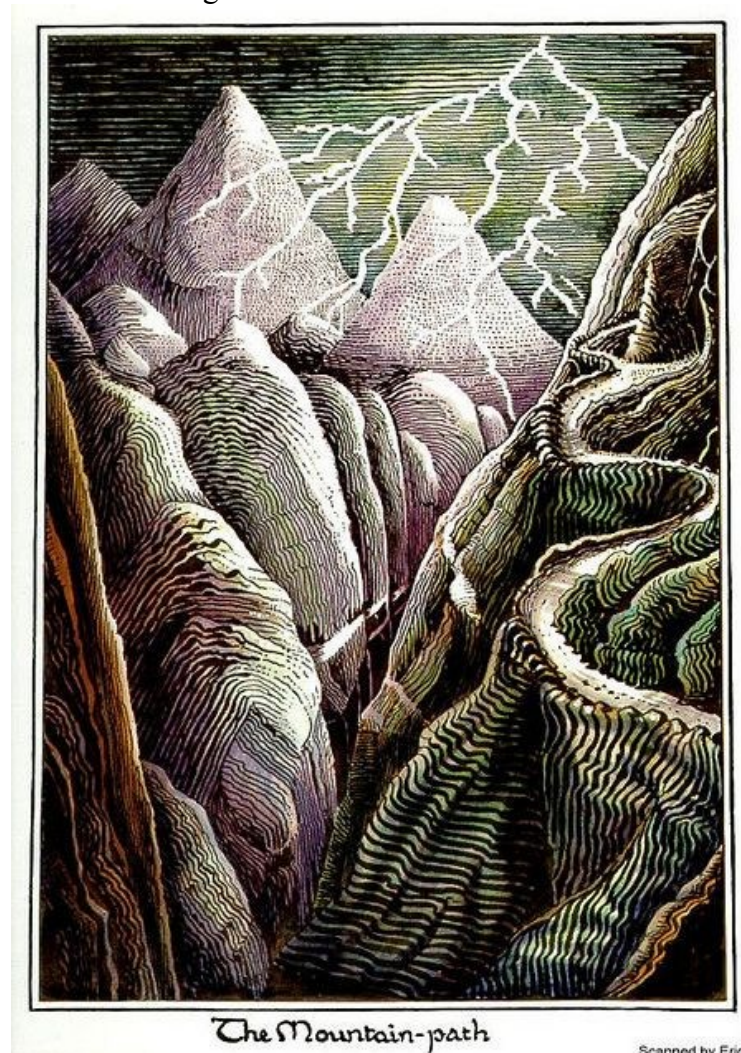


Fonte: *O Hobbit* (2019).

Após a partida de Valfenda, eles chegam as Montanhas Nevoentas. Essa é uma paisagem completamente distinta da anterior. Consequentemente, já podemos esperar por momentos de dificuldade, começando no próprio percurso externo pelas Montanhas (Figura 8).

Longos dias depois que tinham escalado o caminho para fora do vale e deixado a Última Casa Hospitaleira milhas atrás, ainda estavam subindo e subindo e subindo. Era uma trilha dura e uma trilha perigosa, um caminho tortuoso e solitário e comprido. Agora podiam olhar para atrás e ver as terras que tinham deixado, dispostas diante deles bem lá embaixo. [...] Ele [Bilbo] estremeceu. Estava fazendo um frio amargo ali em cima, e o vento passava sibilando pelas rochas. Pedras, além disso, às vezes vinham galopando pelas encostas da montanha, desprendidas pelo sol do meio-dia em cima da neve, e passavam no meio deles (o que era uma sorte) ou por cima de suas cabeças (o que era alarmante). As noites não tinham conforto e eram geladas, e eles não ousavam cantar nem falar muito alto, pois os ecos eram fantasmagóricos, e o silêncio parecia não gostar de ser quebrado – exceto pelo barulho da água, e pelos gemidos do vento, e pelo estalar da pedra. (TOLKIEN, 2019, p. 81-82).

Figura 8 – A trilha da Montanha



Fonte: *O Hobbit* (2019).

É nesta paisagem que ocorre a luta entre os gigantes de pedra em meio a uma tempestade de trovões e ventania. Aqui, novamente, as condições climáticas aliadas à geomorfologia do ambiente reforçam a característica desafiadora da jornada.

Bilbo nunca tinha visto ou imaginado nada do tipo. Estavam bem alto, num lugar estreito, com uma queda terrível que dava para um vale escuro de um lado deles. Lá estavam se abrigando, debaixo de uma rocha que se projetava, durante a noite, e ele estava deitado debaixo de um cobertor e tremia da cabeça aos pés. Quando espiou os clarões dos relâmpagos, viu que, do outro lado do vale, os gigantes-de-pedra tinham saído de casa, e estavam brincando de arremessar rochas um para o outro, e as pegavam, jogando-as na escuridão, onde amassavam as árvores lá embaixo ou se quebravam em pedacinhos com estrondo. Então veio vento e chuva, e o vento chicoteou a chuva e o granizo para todas as direções, de modo que a rocha acima deles não era proteção nenhuma. Logo estavam ficando encharcados, e seus põeis ficaram de cabeça abaixada e rabos entre as pernas, e alguns estavam relinchando de susto. Podiam ouvir os gigantes gargalhando e gritando pelas encostas das montanhas. (TOLKIEN, 2019, p. 84).

É nesse contexto, que eles acabam adentrando as Montanhas Nevoentas e são capturados pelos gobelins. Aqui a cultura dos gobelins, de serem seres belicosos, dita a configuração interna do ambiente, com muitos túneis, construídos pelos próprios gobelins, além de várias cavernas escuras e profundas, dificultando assim a fuga de seus prisioneiros. Ou seja, é a identidade cultural desses seres que caracteriza essa paisagem (SUESS; RIBEIRO, 2017).

Era um lugar fundo, fundo, escuro de tal modo que só os gobelins que se acostumaram a viver no coração das montanhas conseguiram enxergar. As passagens ali eram encruzilhadas e enroladas em todas as direções, mas os gobelins conheciam o caminho tão bem quanto você conhece o que vai até a agência dos correios mais próxima; e o caminho descia e descia e era o mais horrivelmente abafado possível. (TOLKIEN, 2019, p. 86-87).

É no momento em que Bilbo entra no território de Gollum, que a luminosidade da paisagem se perde e o hobbit mesmo usando todos os sentidos só consegue perceber o chão que era formado por pedras. “Quando Bilbo abriu os olhos, ficou pensando se os abrira mesmo; pois estava tão escuro quanto se ficassem fechados. Não havia ninguém por perto. Imagine só o pavor dele! Não conseguia ouvir nada, ver nada, nem sentir nada, exceto o chão de pedra.” (TOLKIEN, 2019, p. 94)

Desta forma percebemos a importância do uso das cores para a construção das sensações dos personagens em seus ambientes para dar uma maior verossimilhança a narrativa.

Depois que Bilbo reencontra seus amigos já fora das Montanhas Nevoentas, eles enfrentam um deslizamento de terra em uma área pobre em vegetação nativa.

Ainda iam sempre em frente. A trilha grosseira desapareceu. Os arbustos, e a grama alta entre os pedregulhos, os trechos de relva roída por coelhos, o tomilho e a sálvia e a manjerona, e as rosas-das-rochas amarelas – tudo isso sumiu, e eles se acharam no topo de uma encosta larga e íngreme de rochas caídas, os restos de um deslizamento. Quando começaram a descer a encosta, ciscos e pedregulhos pequenos saíram rolando debaixo de seus pés; logo, fragmentos maiores de pedra rachada começaram a descer, barulhentos, e fizeram outros pedaços abaixo deles deslizarem e rolarem; então amontoados de rocha foram mexidos e saíram pulando, desabando com uma nuvem de poeira e muito barulho. Logo a encosta inteira, acima e abaixo deles, parecia estar em movimento, enquanto eles iam escapando, apinhados juntos, em meio a uma confusão assustadora de deslizamentos, tremores, lajes e pedras que rachavam. (TOLKIEN, 2019, p. 121-122).

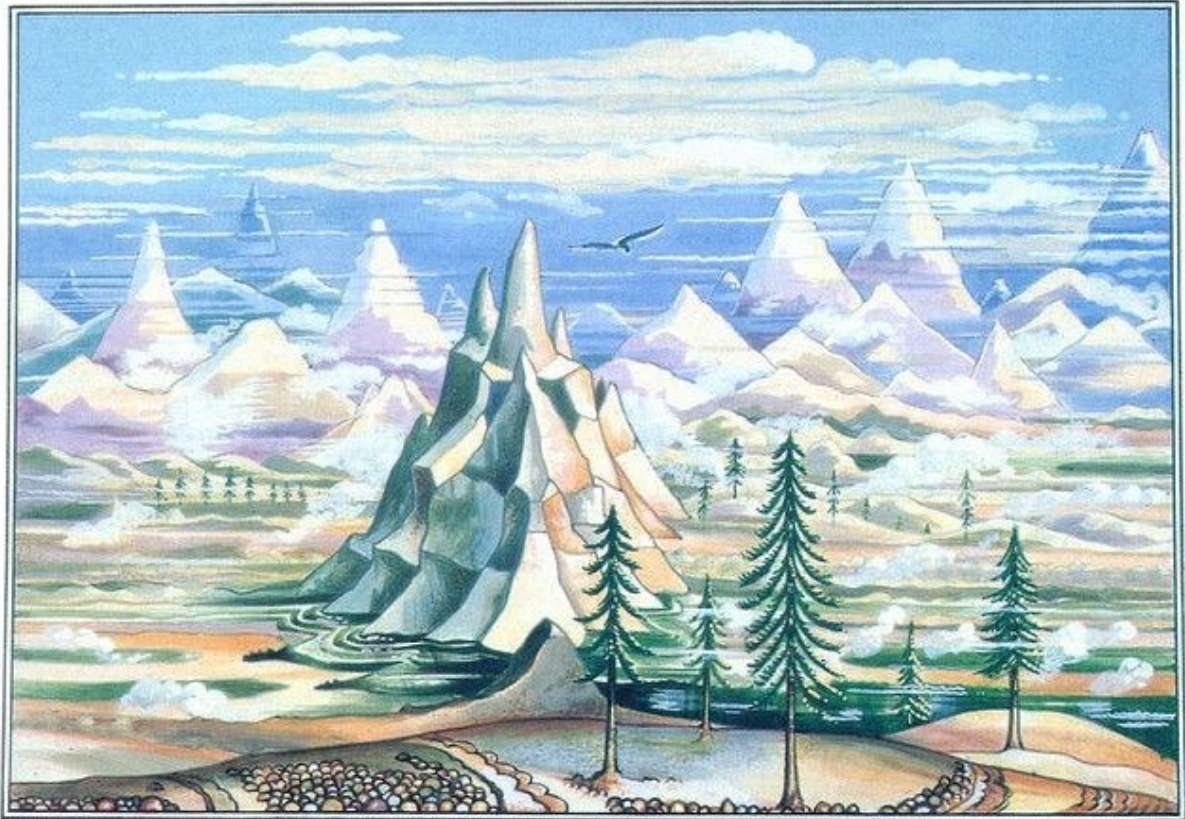
Após o deslizamento, eles encontram uma área de vegetação de pinheiros, na qual as condições climáticas são desconfortáveis, fazendo com que a sensação de perigo eminente retorne.

Fazia tempo que o sol descera detrás das montanhas. As sombras já estavam ficando mais profundas à volta deles, embora, muito ao longe, através das árvores e acima das pontas negras daquelas que cresciam mais embaixo, ainda conseguissem ver as luzes do entardecer nas planícies além deles. Então seguiram, meio mancando, o mais rápido que podiam, pelas encostas gentis de uma floresta de pinheiros, numa trilha em diagonal que levava sempre para o sul. Por vezes, avançavam através de um mar de grandes samambaias, com altas frondes que se erguiam até mesmo acima da cabeça do hobbit; em outros momentos, marchavam quietinhos, quietinhos por um chão repleto de pinhas; e o tempo todo as trevas da floresta ficavam mais pesadas, e o silêncio da mata, mais profundo. Não havia vento, naquele anoitecer, que trouxesse nem mesmo um murmúrio do mar aos galhos das árvores. (TOLKIEN, 2019, p. 122-123).

No momento em que as águias os resgatam, Bilbo fica pendurado nas pernas de Bombur, enquanto está em pleno voo (Figura 9). Neste momento a paisagem passa ao seu redor, literalmente como uma porção do espaço na qual ele abarca com o olhar, porém Bilbo tem medo de altura e não tem coragem de abrir os olhos para ver.

Mesmo nas melhores circunstâncias, alturas faziam Bilbo ficar tonto. Costumava se sentir esquisito se olhasse da borda de qualquer encostazinha; e nunca gostou de escadas, que dirá de árvores (já que nunca tinha precisado escapar de lobos antes). Então você pode imaginar como sua cabeça estava girando naquela hora, quando olhou para baixo, por entre seus dedos dos pés pendurados, e viu as terras escuras que se abriam imensas ao longe, tocadas aqui e ali pela luz da lua numa rocha, nas faldas de um monte, ou num riacho nas planícies. (TOLKIEN, 2019, p. 132).

Figura 9 – Nas Montanhas Nevoentas olhando para o Oeste



The Misty Mountains looking West from the
Eyre towards Goblin Gate

Fonte: *O Hobbit* (2019).

A paisagem do lar das águias é a Grande Plataforma (Figura 10) e só é possível chegar lá por meio do voo. Isso torna o seu acesso restrito apenas a sua comunidade, o que garante segurança as águias.

[...] Bilbo foi posto no chão, tremendo de medo, numa ampla plataforma de rocha na encosta da montanha. Não havia caminho que chegasse a ela, exceto por meio do voo; e nenhum caminho que descesse dela, exceto pulando de um precipício. Ali ele encontrou todos os outros, sentados de costas para o paredão da montanha. O Senhor das Águias também estava lá e falava com Gandalf. (TOLKIEN, 2019, p. 134).

Figura 10 – Lar de Gwaihir



Fonte: John Howe (2012).

A próxima paisagem que lemos/vemos é a Carrocha (Figura 11). Nesta região fica o lar de Beorn. Depois de Valfenda, é a paisagem que possibilitará mais descanso para a Companhia de Thorin. Nela a luminosidade de tons frescos retorna.

A terra estava bem mais próxima, e abaixo deles havia árvores que pareciam carvalhos e olmos, e amplas pradarias, e um rio que corria em meio a tudo isso. Mas, projetando-se do chão, bem no caminho do riacho que se enrolava em torno dela, havia uma grande rocha, quase uma colina de pedra, como um último posto avançado das montanhas distantes, ou um enorme pedaço delas jogado milhas adentro da planície por algum gigante entre gigantes. (TOLKIEN, 2019, p. 136-137).

Figura 11 – Águias em direção à Carrocha



Fonte: Ted Nasmith [20--].

Depois de andarem e chegarem a casa de Beorn, essa foi à primeira vista que tiveram. Beorn sendo um homem com vontade de ser um urso, ele vive quase que exclusivamente na presença de animais e plantas (Figura 12).

Já era o meio da tarde quando eles notaram que grandes aglomerados de flores tinham começado a aparecer, todas do mesmo tipo crescendo juntas, como se tivessem sido plantadas. Havia principalmente trevos, canteiros ondulantes de trevo-vermelho e trevo-roxo e amplos trechos de trevo-branco, baixinhos, de cheiro melífero e doce. Havia um zumbido, um zunido e um resmungo no ar. Abelhas pairavam por todo lugar. E que abelhas! Bilbo nunca tinha visto nada parecido com elas. (TOLKIEN, 2019, p. 140).

Figura 12 – Beorn, Senhor da Selva



Fonte: Ted Nasmith [20--].

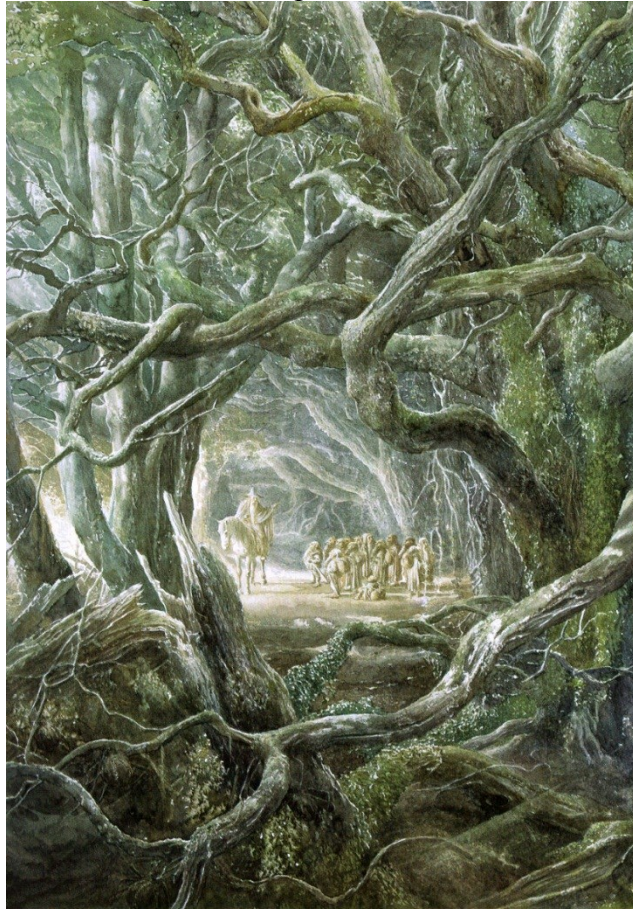
Também por Beorn morar isolado de outros seres que não os animais, ele sozinho alterou aquela paisagem natural em cultural, no momento em que construiu edificações, além de que seu relacionamento com os animais resultar em uma comunidade isolada, na qual eles estabelecem uma ajuda mútua. Beorn os protege e os animais trabalham para ele.

Eles logo chegaram a um portão de madeira, alto e largo, além do qual podiam ver jardins e um conjunto de edifícios baixos de madeira, alguns cobertos de palha e feitos com troncos rústicos: celeiros, estábulos, armazéns e uma grande casa baixa de madeira. Do lado de dentro, do lado sul da grande sebe, havia filas e filas de colmeias com topos em forma de sino, feitos de palha. O barulho das abelhas gigantes voando de lá para cá e rastejando para dentro e para fora enchia todo o ar. (TOLKIEN, 2019, p.143).

Depois de um breve descanso na casa de Beorn, eles partem de lá em direção a Trevamata (Figura 13). Esta região seria a mais perigosa antes de chegarem a Montanha Solitária. Logo a sua paisagem desde o início causa insegurança e o fato de Gandalf, o mago, abandonar os anões e o hobbit neste ponto, torna o transitar pela floresta ainda mais adverso. Isso é demonstrado com a ausência de animais mais dóceis desde a entrada deste caminho, além da vegetação ser mais selvagem.

No dia seguinte continuaram antes da aurora, embora a noite tivesse sido curta. Assim que houve luz, conseguiram ver a floresta, como se estivesse vindo a encontrá-los, ou à sua espera, como uma muralha negra e mal-encarada diante deles. O terreno começou a ficar inclinado, e para o hobbit parecia que um silêncio começara a se estender por cima deles. Os pássaros começaram a cantar menos. Não apareciam mais veados; nem mesmo coelhos podiam ser vistos. À tarde tinham alcançado as fimbrias de Trevamata e se puseram a descansar quase que debaixo dos grandes galhos que se projetavam de suas árvores mais externas. Os troncos eram enormes e nodosos, os ramos, retorcidos, as folhas, escuras e compridas. A hera crescia em cima delas e se arrastava pelo chão. (TOLKIEN, 2019, p. 160).

Figura 13 – A partida de Gandalf



Fonte: Alan Lee [20--].

No início da caminhada já dentro da floresta, percebemos a ausência de luminosidade e a presença de seres sombrios. “[...] e lá dentro a coisa parecia ser tão escura de manhã quanto à noite, com um ar cheio de segredo: “Uma sensação de que há algo observando e esperando”, dissera a si mesmo. (TOLKIEN, 2019, p. 162).

Este é outro trecho que demonstra uma vegetação mais selvagem acompanhada da sensação de falta de luz, na qual provoca um sentimento de insegurança (Figura 14).

Caminhavam em fila única. A entrada da trilha era como uma espécie de arco que levava a um túnel sombrio, formado por duas grandes árvores que se apoiavam uma na outra, muito velhas e demasiado estranguladas por hera e cobertas de líquen para que conseguissem produzir mais do que umas poucas folhas enegrecidas. A trilha propriamente dita era estreita e serpenteava em meio aos troncos. Em pouco tempo o brilho do portal virou um buraquinho de luz lá atrás, e a quietude se tornou tão profunda que os pés deles pareciam martelar o chão, enquanto todas as árvores se inclinavam na direção deles e escutavam. (TOLKIEN, 2019, p. 164).

Figura 14 – Entrando em Trevamata



Fonte: Ted Nasmith [20--].

Tolkien demonstra como o antagonismo entre luz e sombra remete à esperança de um ambiente seguro mesmo diante de uma paisagem de medo.

Conforme seus olhos se acostumavam à meia-luz, conseguiam enxergar um pouco de cada lado do caminho, numa espécie de névoa verde-escura. Ocasionalmente, um raio delgado de sol que tinha a sorte de se esgueirar por alguma abertura nas folhas lá em cima, e ainda mais sorte de não ser barrado pelos galhos emaranhados e ramos amarfanhados mais embaixo, vazava fino e brilhante diante deles. Mas isso era raro, e logo cessou de todo. (TOLKIEN, 2019, p. 164).

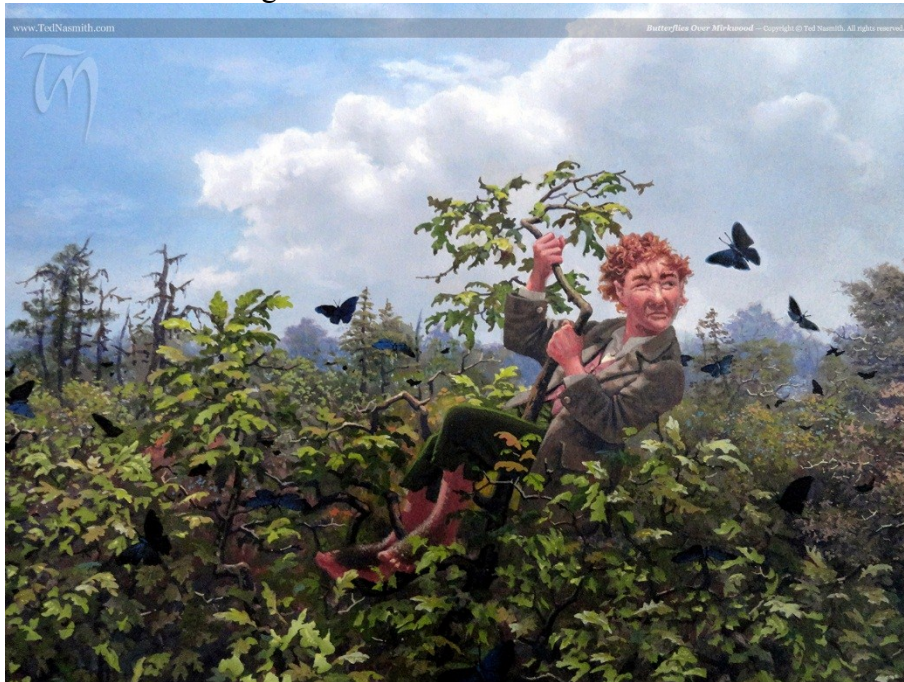
A ausência de climas amenos é sentida por todos, porém afeta principalmente o hobbit que morava em uma colina verdejante e cheia de riachos. Logo, Trevamata constrói um sentimento neles pior do que aquela da travessia pelas Montanhas Nevoentas. E isso é intensificado na medida em que seus alforjes e odres são esvaziados.

Não demorou muito para que eles começassem a odiar a floresta de modo tão fervoroso quanto odiaram os túneis dos gobelins, e ela parecia oferecer ainda menos esperança de chegar ao fim. Mas eles tinham de continuar e continuar, muito depois de estarem doentes de vontade de ver o sol e o céu e de ansiar pela sensação do vento em seus rostos. Não havia nenhum movimento de ar debaixo do dossel da floresta, e ali era perpetuamente parado e escuro e abafado. Até os anãos, que estavam acostumados a abrir túneis e a viver, por vezes durante longos períodos, sem ver a luz do sol, sentiram o baque; mas o hobbit, que gostava de tocas como um lugar para construir casas, mas não no qual passar dias de verão, sentiu que estava sendo sufocado lentamente. (TOLKIEN, 2019, p. 165).

A paisagem para Bilbo se ameniza por um momento, quando ele é obrigado a subir nas copas dos carvalhos para saber se estão perto da saída daquela floresta. Nesse instante ele consegue sentir a luz solar e as rajadas de vento mais uma vez (Figura 15). Porém pela falta de experiência com viagens, aliada à fome e a sede, ele acaba interpretando a paisagem de forma errada, conseqüentemente o sentimento de desesperança é instalado em todos.

Ele observou os “imperadores-negros” por muito tempo e aproveitou a sensação da brisa em seu cabelo e seu rosto; mas, por fim, os gritos dos anões, que àquela altura estavam simplesmente batendo os pés de impaciência lá embaixo, fizeram-no recordar sua verdadeira tarefa. Não adiantava nada. Por mais que olhasse, não conseguia ver o fim das árvores e das folhas em qualquer direção. Seu coração, que tinha ficado mais leve graças à visão do sol e à sensação do vento, afundou de novo até os dedos dos pés: não haveria comida quando ele voltasse lá para baixo. (TOLKIEN, 2019, p. 172).

Figura 15 – Bilbo sobre Trevamata



Fonte: Ted Nasmith [20--].

É no momento de maior necessidade que a paisagem de Trevamata muda mais uma vez. Nesta ocasião avistamos a festa que os elfos da floresta estão dando, assim como todas as belezas que o povo élfico proporciona aos olhos, no qual o autor reforça a abundância daquilo que os anões e os hobbits mais necessitavam: comida.

O trecho a seguir reforça o caráter cultural pertencente aos elfos empregado na paisagem.

Depois de se esgueirarem e rastejarem um bocado, espiaram por detrás dos troncos e observaram uma clareira onde algumas árvores tinham sido derrubadas e o solo fora aplainado. Havia muitas pessoas ali, gente de aparência élfica, todas vestidas de verde e marrom e sentadas nos anéis serrados das árvores derrubadas em um grande círculo. Havia uma fogueira no meio deles e havia tochas presas a algumas das árvores ao redor; mas esta era a visão mais esplêndida de todas: estavam comendo e bebendo e rindo alegremente. (TOLKIEN, 2019, p. 175).

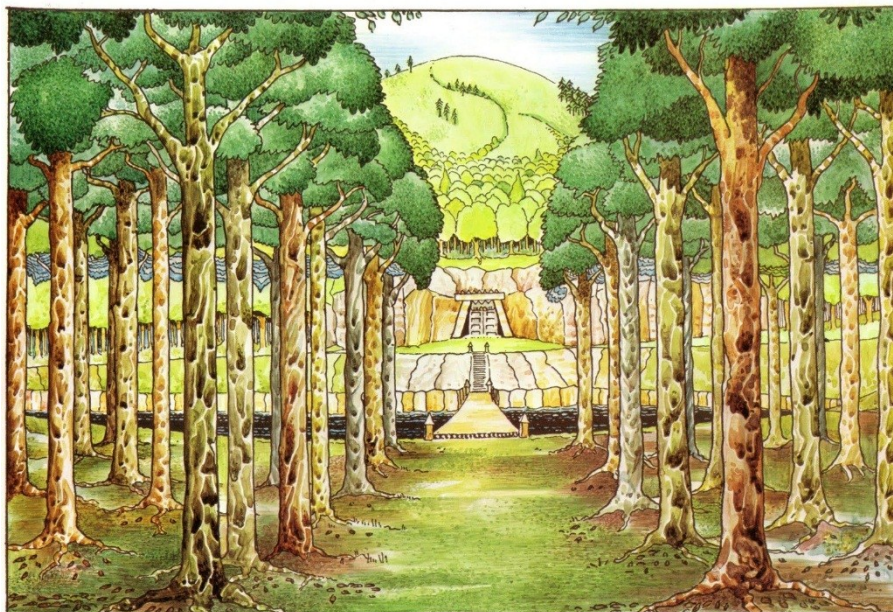
A paisagem posterior que é apresentada é o ninho de aranhas. Percebemos como Tolkien mais uma vez faz uso das cores para remeter ao perigo que é aquele ambiente.

Tinha seguido seu caminho de modo sorrateiro por certa distância, quando notou que havia um lugar cheio de uma densa sombra negra adiante, negra até mesmo para aquela floresta, feito um pedaço de meia-noite que nunca tinha sido faxinado. Conforme se aproximava, viu que era feito de teias de aranha, uma atrás e em cima e enredada com a outra. [...] (TOLKIEN, 2019, p. 179).

Após a captura dos anãos pelos elfos-da-floresta, o hobbit os segue até a entrada do palácio do rei élfico Thranduil (Figura 16). Aqui, a geomorfologia aliada aos cursos d'água e à vegetação, escondem essa fortaleza em meio à paisagem natural.

[...] De repente, as tochas pararam, e o hobbit mal teve tempo de alcançá-los antes que começassem a cruzar a ponte. Essa era a ponte que atravessava o rio e levava às portas do rei. A água corria escura e veloz e forte debaixo dela; e, do outro lado, havia portões diante da boca de uma enorme caverna, que adentrava a lateral de uma encosta íngreme, coberta de árvores. Ali as grandes faias chegavam à beira do barranco, até que suas raízes tocavam a correnteza. (TOLKIEN, 2019, p. 194).

Figura 16 – O portão do rei élfico



The Elvenking's Gate.

Fonte: *O Hobbit* (2019).

Depois da fuga dos anões usando barris pelo Rio Rápido, eles chegam à Cidade do Lago (Figura 17), e nela vemos como os homens transformaram a paisagem natural do Lago Longo em uma cidade sobre as águas, sendo assim, paisagem cultural.

Não muito longe da embocadura do Rio da Floresta ficava a estranha cidade da qual Bilbo ouvira os elfos falarem nas adegas do rei. Não tinha sido construída na margem, embora houvesse algumas cabanas e construções ali, mas bem na superfície do lago, protegida dos redemoinhos do rio que desaguava lá por um promontório de rocha que formava uma baía calma. Uma grande ponte feita de madeira corria até onde, sobre enormes pilares feitos de árvores da floresta, tinha sido construída uma cidade movimentada de madeira, não uma cidade de elfos, mas de Homens, que ainda ousavam habitar ali, sob a sombra da distante montanha do dragão. (TOLKIEN, 2019, p. 215).

Figura 17 – Cidade do Lago



Fonte: *O Hobbit* (2019).

Após o repouso na Cidade do Lago, eles partem finalmente para seu último destino, a Montanha Solitária (Figura 18). A desertificação aqui é um sinal de que o ambiente é muito perigoso, lembrando-nos a perspectiva de que eles poderiam morrer a qualquer momento naquela Montanha.

Foi uma jornada cansativa, e também silenciosa e cuidadosa. Não havia riso ou canção ou som de harpas, e o orgulho e as esperanças que tinham brotado em seus corações com o cantar das antigas canções à beira do lago foram morrendo até se transformar num pesar arrastado. Sabiam que estavam chegando perto do fim de sua jornada e que poderia ser um fim muito horrível. A terra à volta deles se fez vazia e sem vida, embora antes, como Thorin lhes contou, tivesse sido verdejante e bela. Havia pouca grama, e não demorou para que não houvesse nem arbusto nem árvore, mas apenas tocos destrocados e queimados como recordação dos que haviam desaparecido muito tempo antes. Haviam chegado à Desolação do Dragão, e chegavam quando o ano se esvanecia. (TOLKIEN, 2019, p. 227).

Figura 18 – A Montanha Solitária

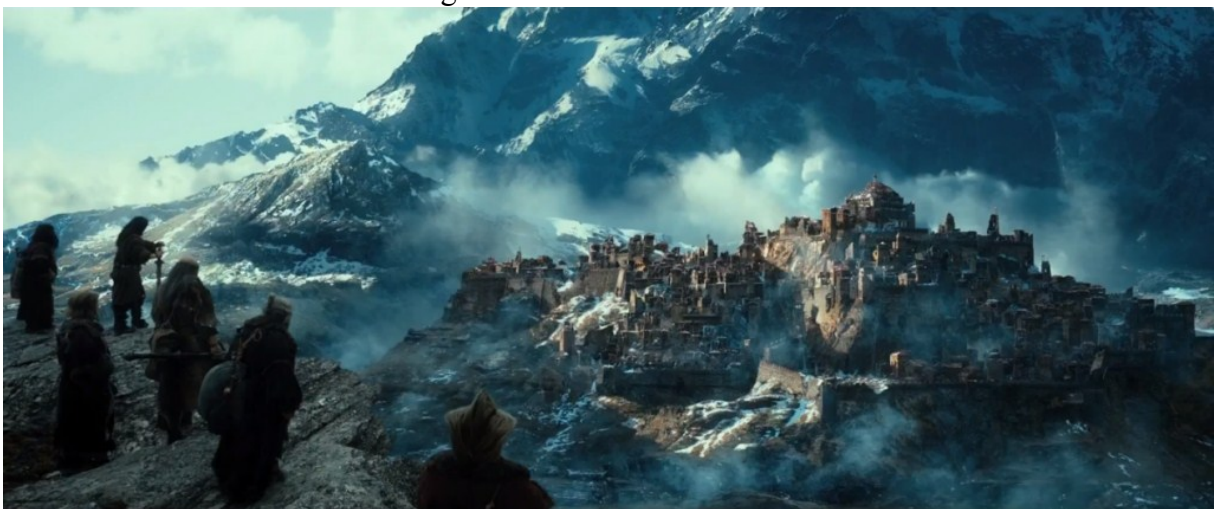


Fonte: Hobbit: A Desolação de Smaug (2013).

No trajeto para o covil de Smaug, eles avistam Valle (Figura 19). Esta cidade tinha visto dias gloriosos quando a família de Thorin dominava a Montanha.

[...] Ali o rio, depois de fazer uma larga volta sobre a depressão de Valle, dava as costas para a Montanha em seu caminho para o Lago, fluindo rápido e barulhento. Seus barrancos eram desnudos e pedregosos, altos e íngremes acima da correnteza; e, olhando deles por cima da torrente estreita, espumando e se derramando em meio a muitos pedregulhos, podiam ver, no largo vale sob a sombra dos braços da Montanha, as ruínas cinzentas de antigas casas, torres e muralhas. (TOLKIEN, 2019, p. 227).

Figura 19 – As ruínas de Valle



Fonte: Hobbit: A Desolação de Smaug (2013).

Um dos principais momentos em que a paisagem se torna protagonista na narrativa é quando Bilbo descobre como abrir a porta que dá acesso à Montanha (Figura 20). Aqui, Tolkien faz uso da dicotomia entre os elementos claros e escuros, representados pela lua e pelo sol, sendo o sol considerado como um sinal de esperança.

[...] O sol desceu mais e mais, e as esperanças deles desabaram. O astro afundou num cinturão de nuvens avermelhadas e desapareceu. Os anões gemeram, mas ainda assim Bilbo continuava quase imóvel. A pequena lua estava caindo rumo ao horizonte. A noite vinha. Então, de repente, quando a esperança deles estava no nível mais baixo, um raio vermelho do sol escapou feito um dedo através de um rasgo nas nuvens. Um brilho de luz atravessou diretamente a abertura do recanto e caiu sobre a face lisa da rocha. O velho tordo, que estava observando tudo de um lugar alto com olhos que pareciam contas e cabeça inclinada para um lado, soltou de repente um trinado. Ouviu-se um estalo alto. Um fragmento de rocha se soltou do paredão e caiu. Um buraco apareceu de repente a cerca de três pés do chão. (TOLKIEN, 2019, p. 234-235).

Figura 20 – Quando a porta abre



Fonte: Ted Nasmith [20--].

No momento em que a porta abre, nos é revelado um interior de escuridão profunda e já ficamos preparados para a aparição do maior perigo do livro, que é o dragão Smaug.

Nesse momento, todos empurraram juntos e, devagar, uma parte do paredão de rocha cedeu. Longas aberturas retas apareceram e alargaram-se. Uma porta com cinco pés de altura e três de largura surgiu e, lentamente, sem fazer som, girou para dentro. Parecia que a escuridão fluía feito um vapor do buraco na encosta da montanha, e uma escuridão profunda, na qual nada podia ser visto, jazia diante dos olhos deles, uma bocarra aberta que levava para dentro e para baixo. (TOLKIEN, 2019, p. 235).

Quando Bilbo entra na Montanha, a paisagem apresentada é aquela construída pelo trabalho dos anões, sendo que o autor faz questão de ressaltar as diferenças entre as paisagens construídas pelos gobelins, elfos e anões.

As estrelas estavam saindo atrás dele, num céu pálido listrado de negro, quando o hobbit se esgueirou pela porta encantada e entrou sorrateiro na Montanha. O caminho era muito mais fácil do que ele tinha esperado. Não era nenhum túnel de gobelins, nem uma caverna grosseira de elfos-da-floresta. Era uma passagem feita por anões, no ápice de sua riqueza e habilidade: reta como uma régua, de chão e paredes lisos, seguindo um declive gentil, que nunca variava, direto para... algum fim distante no negrume lá embaixo. (TOLKIEN, 2019, p. 237).

Após a morte de Smaug e a união de outros povos contra os anões por uma parte do tesouro, acontece a Batalha dos Cinco Exércitos. Nesse momento percebemos como Tolkien modifica a paisagem para melhor se adequar a um momento de aflição.

Ainda mais subitamente, uma escuridão veio sobre eles com horrenda velocidade! Uma nuvem negra correu pelo céu. Trovões de inverno, num vento selvagem, rolaram rugindo e ecoaram pela Montanha, e o relâmpago iluminou o pico. E, debaixo do trovão, outro negrume podia ser visto girando adiante; mas não vinha com o vento, vinha do Norte, como uma vasta nuvem de aves, tão apinhadas que nenhuma luz podia ser vista entre suas asas. (TOLKIEN, 2019, p. 300).

E a paisagem é suavizada no momento em que a esperança chega mais uma vez aos corações dos povos livres, que é quando as águias aparecem. Esse fato irá também ocorrer em *O Senhor dos Anéis: O Retorno do Rei*.

As nuvens foram rasgadas pelo vento, e um pôr do sol vermelho irrompeu no Oeste. Vendo o clarão repentino na treva, Bilbo olhou em volta. Deu um grande grito: tivera uma visão que fez seu coração pular, formas escuras, mas majestosas, contra o brilho distante. (TOLKIEN, 2019, p. 305).

Com isso observamos como os elementos naturais e por consequência as paisagens naturais são mais importantes que as paisagens culturais nessa obra, na qual ela por muitas vezes transmite as sensações que os personagens estão sentindo e ela acaba por tornar-se um personagem a parte no enredo.

3.3 As Regiões além da Borda do Ermo

As regiões apresentadas no livro *O Hobbit* são apenas uma porção do continente que forma a Terra-média da Terceira Era. Aqui, as principais regiões em que a Comitiva atravessa são: Eriador, Montanhas Nevoentas e Rhovanion.

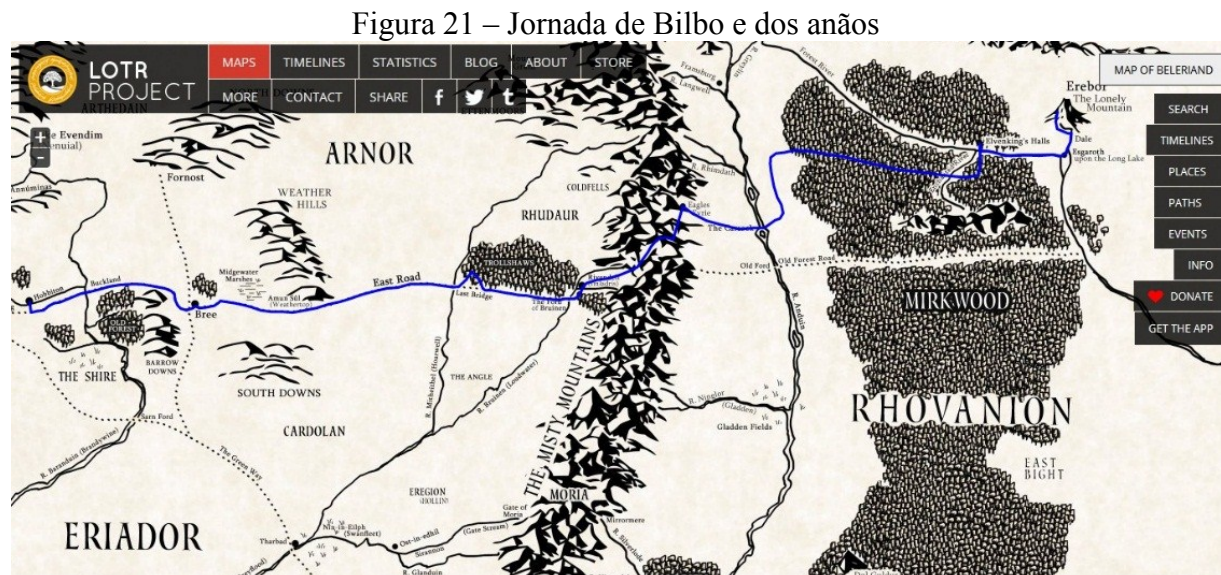
O Condado e Valfenda estão inseridos na região de Eriador, e esta é a maior região ao noroeste da Terra-média. É o local dos chamados povos livres da Terra-média. Ao longo da

jornada observamos a presença de hobbits, elfos e trols.

A segunda região que visualizamos no livro são as Montanhas Nevoentas. Nela, a Comitiva encontra os gigantes de pedra, gobelins, Gollum, wargs (lobos selvagens) e as águias da Grande Plataforma. Essa região foi por Morgoth, o predecessor de Sauron, possivelmente por esse motivo, que os seres malignos estão presentes em maior quantidade nela do que em outras áreas. No livro *O Senhor dos Anéis*, esta região será melhor trabalhada.

A última grande região que atravessamos é Rhovanion ou Terras Selváticas. Formada principalmente por Trevamata, além de Esgaroth, a Cidade do Lago, Valle e Erebor, a Montanha Solitária. Será onde o grupo de anões e Bilbo entrará em contato com as aranhas gigantes, elfos da floresta, humanos e o temível dragão. E posteriormente se juntará o exército de anões de Dain, os gobelins e wargs, assim como Gandalf e Beorn, na Batalha dos Cinco Exércitos.

Entre a segunda e a terceira regiões mencionadas, localiza-se a Carrocha, lar de Beorn, o troca-peles. Aqui, o Grande Rio Anduin é quem delimita as regiões, assim como as bacias hidrográficas são quem delimitam as nossas regiões naturais. O mapa abaixo (Figura 21) ilustra bem todas elas.



Fonte: LOTR Project (2012).

As Montanhas Nevoentas abrigam em sua maioria a população dos gobelins, assim como Gomes (2000) afirma que a região possui a presença marcante de um domínio. Esse domínio é marcado por alianças bélicas, que no caso são estabelecidos com os wargs.

[...] Os Wargs e os gobelins muitas vezes se ajudavam em seus feitos perversos. Os

gobelins normalmente não se aventuram muito longe de suas montanhas, a não ser que sejam expulsos e estejam procurando novas casas, ou estejam marchando para a guerra (coisa que, fico feliz em dizer, não acontece faz bastante tempo). Mas, naqueles dias, eles às vezes costumavam sair para incursões, especialmente para obter comida ou escravos que trabalhassem para eles. Então, com frequência, pediam ajuda aos Wargs e dividiam seu butim com eles. De vez em quando, montavam lobos como os homens montam cavalos. (TOLKIEN, 2019, p. 126).

A região posterior apresentada é a Carrocha, onde Beorn mora. É uma área em que predominam animais, desse modo Beorn atua como um guardião, protegendo seus animais como se fossem seus filhos. Logo, ele combate qualquer criatura maligna que tente ameaçar suas terras. Por isso o seu ódio aos gobelins e wargs.

[...] Vive num bosque de carvalhos e tem uma grande casa de madeira; e, na forma de homem, tem gado e cavalos que são quase tão maravilhosos quanto o próprio Beorn. Trabalham para ele e conversam com ele. Beorn não os come; nem caça ou devora animais selvagens. Tem colmeias e mais colmeias de grandes abelhas ferozes e subsiste comendo principalmente creme e mel. [...] (TOLKIEN, 2019, p. 139-140).

Isso é visto primeiramente com a desconfiança que cai sobre os integrantes da Comitiva e posteriormente com a amizade que se forma entre eles, quando Beorn descobre que tudo o que Gandalf contou tinha realmente acontecido. “[...] Se morassem perto da beira de Trevamata, não confiariam na palavra de ninguém que não conhecessem tão bem quanto um irmão ou melhor [...]”. (TOLKIEN, 2019, p. 157).

Com isso, Beorn decide aconselhar da melhor maneira possível qual caminho os anões deveriam tomar, além de fornecer mantimentos para a continuação da viagem.

[...] “Mas seu caminho através de Trevamata é sombrio, perigoso e difícil”, disse. “Não é fácil achar água lá, nem comida. Ainda não chegou a época das castanhas (embora talvez ela chegue e passe, de fato, antes que vocês cheguem ao outro lado), e as castanhas são praticamente tudo que se pode comer ali; lá dentro as coisas silvestres são sombrias, esquisitas e selvagens. Vou providenciar odres para carregar água e vou lhes dar alguns arcos e flechas. Mas duvido muitíssimo que qualquer coisa que achem em Trevamata seja limpa o suficiente para comer ou beber. Há um único riacho lá, pelo que sei, negro e caudaloso, que atravessa a trilha. Dele vocês não devem beber, nem se banhar nele; pois ouvi dizer que carrega encantamento e um grande torpor e olvido. E nas sombras obscuras daquele lugar não creio que conseguirão ferir presa alguma, limpa ou imunda, sem se desviar da trilha. Isso vocês NÃO DEVEM fazer, por razão nenhuma. (TOLKIEN, 2019, p. 157-158).

Posteriormente, a região que eles adentram é a Trevamata. É uma região com tantos momentos difíceis quanto foi a passagem pelas Montanhas Nevoentas.

Esta localidade é comandada pelo rei élfico Thranduil (Figura 22). Diferentemente de Valfenda com toda a hospitalidade que Elrond oferece a comitiva, Thranduil oferece principalmente hostilidade para com os anões, prendendo-os nas masmorras.

O povo que festejava eram os Elfos-da-floresta, é claro. Estes não são uma gente

perversa. Se têm um defeito, é a sua desconfiança quanto a estranhos. Embora a magia deles fosse forte, mesmo naqueles dias eram esquivos. Diferiam dos Altos Elfos do Oeste e eram mais perigosos e menos sábios. Pois a maioria deles (junto com sua parentela espalhada pelas colinas e montanhas) descendia das tribos antigas que nunca foram para Feéria, no Oeste. Para lá os Elfos-da-luz e os Elfos-profundos e os Elfos-do-mar foram e ali viveram por eras e se tornaram mais belos e mais sábios e estudados, e inventaram sua magia e arte sagaz para a criação de coisas belas e maravilhosas, antes que alguns voltassem ao Vasto Mundo. No Vasto Mundo os Elfos-da-floresta se demoravam no crepúsculo do nosso Sol e da nossa Lua, mas amavam mais as estrelas; e vagavam pelas grandes florestas que cresciam altas em terras que agora se perderam. Habitavam com mais frequência nas bordas das matas, das quais podiam escapar às vezes para caçar, ou cavalgar e correr pelas terras abertas ao luar ou à luz das estrelas; e, depois da vinda dos Homens, agarraram-se cada vez mais ao crepúsculo e ao ocaso. Ainda assim, elfos eles eram e continuam sendo, ou seja, são um Bom Povo. (TOLKIEN, 2019, p. 189-190).

No trecho acima podemos entender melhor o motivo desses povos serem distintos. Nóbrega (2015) demonstra que a região é um arranjo de características culturais distintas entre um determinado grupo social e um conjunto de lugares.

Outra passagem que exemplifica como o rei élfico comandava sua região é a seguinte:

[...] “É um crime vagar pelo meu reino sem permissão. Esquecem que estavam em meus domínios, usando a estrada que meu povo fez? Não é verdade que por três vezes vocês perseguiram e perturbaram meu povo na floresta e ataçaram as aranhas com sua balbúrdia e seu clamor? Depois de todos os distúrbios que produziram, tenho o direito de saber o que os traz aqui e, se não me responderem agora, vou mantê-los a todos na prisão até que aprendam a ter juízo e boas maneiras!” (TOLKIEN, 2019, p. 195).

Figura 22 – Rei Thranduil



Fonte: John Howe (2012).

É por meio do comércio entre os homens da Cidade do Lago com os elfos da floresta, na qual as mercadorias eram transportadas em barris através da correnteza do Rio da

Floresta que desaguava na Cidade do Lago, que Bilbo encontra uma forma de sair dali com os anãos.

Escondido atrás de um dos maiores barris, Bilbo descobriu os alçapões e sua utilidade e, fazendo hora ali dentro, escutando as conversas dos serviçais do rei, ficou sabendo como o vinho e outros bens subiam os rios, ou viajavam por terra até o Lago Longo. Parecia que uma vila de Homens ainda prosperava por lá, construída em cima de pontes na parte funda da água, como proteção contra inimigos de toda sorte e, especialmente, contra o dragão da Montanha. Da Cidade-do-lago os barris eram trazidos até o Rio da Floresta. Muitas vezes eles eram só amarrados juntos, feito grandes balsas, e trazidos correnteza acima com a ajuda de bastões ou remos; às vezes eram carregados em barcos de fundo chato. (TOLKIEN, 2019, p. 199).

Com a conversa que Bilbo escuta dos barqueiros, compreendemos como a região de Rhovanion está organizada, assim como as consequências para a manutenção dos leitos dos rios que o fluxo intenso das trocas comerciais provocava.

Também visualizamos o caráter dinâmico dessa região que sofreu alterações ao longo dos anos com as cheias do rio e o abandono das vias (trilha que corta Trevamata), possivelmente pelo aumento da presença de criaturas perigosas como as aranhas gigantes.

A conversa era toda sobre o comércio que ia e vinha pelas vias fluviais e sobre o aumento do tráfego no rio, conforme as estradas que vinham do Leste rumo a Trevamata desapareciam ou caíam em desuso; e sobre as picuinhas de Homens-do-lago e Elfos-da-floresta a respeito da situação do Rio da Floresta e do cuidado com suas margens. Aquelas terras tinham mudado muito desde os dias em que os anãos habitavam a Montanha, dias que a maioria das pessoas agora recordava apenas como uma lembrança muito tênue. Tinha mudado até em anos recentes, desde as últimas notícias que Gandalf recebera delas. Grandes enchentes e chuvas tinham alimentado as águas que corriam para o leste; e tinham acontecido um ou dois terremotos (que alguns tendiam a atribuir ao dragão – aludindo a ele principalmente com uma maldição e um meneio de cabeça agourento em direção à Montanha). Os pântanos e alagadiços se espalhavam cada vez mais de ambos os lados. As trilhas tinham sumido, e muitos cavaleiros e viajantes também, se tivessem tentado achar os caminhos perdidos para o outro lado. A estrada-élfica que cortava a floresta, a qual os anãos tinham percorrido, seguindo o conselho de Beorn, agora chegava a um fim duvidoso e pouco usado na margem oriental da floresta; só o rio ainda oferecia um caminho seguro das bordas de Trevamata no Norte às planícies sob a sombra da montanha, e o rio era vigiado pelo rei dos Elfos-da-floresta. (TOLKIEN, 2009, p.213-214).

A principal mudança que ocorreu nessa região se deu com a chegada de Smaug à Montanha Solitária. Pois a cidade de Valle era um ponto nodal de distribuição de mercadoria entre a Montanha Solitária e a Cidade do Lago, tornando as “cidades” ao seu redor mais desenvolvidas, devido a sua influência econômica e social.

Ainda prosperavam com o comércio que subia o grande rio vindo do Sul e era levado de carroça, depois das quedas d'água, para a cidade deles; mas, nos grandes dias de outrora, quando Valle, no Norte, fora rica e próspera, eles tinham sido ricos e poderosos, e viam-se frotas de barcos nas águas, e alguns estavam repletos de ouro e outros com guerreiros de armadura, e tinham acontecido guerras e feitos que agora

eram apenas uma lenda. Os pilares apodrecidos de uma cidade maior ainda podiam ser vistos ao longo das margens quando as águas baixavam na seca. (TOLKIEN, 2019, p. 215-217).

A presença do domínio de certas aves, como os tordos (Figura 23) e os corvos, remete a noção de região natural, que nasceu com a Geologia e a Biologia.

“Deixe-o em paz!”, disse Thorin. “Os tordos são bons e amigáveis — esse é um pássaro realmente muito velho e talvez seja o último que sobrou da raça antiga que costumava viver por aqui, que pousava mansa nas mãos de meu pai e meu avô. Era uma raça de vida longa e mágica, e esse pode até ser um daqueles que estavam vivos naquela época, há algumas centenas de anos ou mais. Os Homens de Valle tinham o truque de entender a língua deles e os usavam como mensageiros, fazendo-os voar até os Homens do Lago e para outros lugares.” (TOLKIEN, 2019, p. 253).

Figura 23 – O Tordo



Fonte: Ted Nasmith [20--].

Outro papel importante das aves é a distribuição de informação entre os povoados da região de Rhovanion.

O Rei-élfico tinha recebido notícias de seus próprios mensageiros e das aves que amavam sua gente e já sabia muito do que tinha acontecido. Muito grande, de fato, foi a comoção entre todas as coisas com asas que habitavam as fronteiras da Desolação do Dragão. O ar ficou repleto de bandos circulantes, e seus mensageiros

de voo veloz voavam daqui para ali através do céu. Acima das fronteiras das Florestas e ouviam assovios, gritos e piados. Pelos lugares mais distantes de Trevamata as novas se espalhavam: “Smaug está morto!” As folhas farfalhavam e orelhas espantadas ficavam em pé. Mesmo antes que o Rei-élfico cavalgasse, as notícias já tinham chegado ao oeste, até as matas de pinheiros das Montanhas Nevoentas; Beorn as ouvira em sua casa de madeira, e os gobelins reuniam-se em conselho em suas cavernas. (TOLKIEN, 2019, p. 277).

E foi no momento de maior necessidade, após Smaug destruir a Cidade do Lago, que o rei élfico mostra maior auxílio àquela população. Afirmado assim um sentimento de solidariedade com os mais necessitados.

Mas o rei, quando recebeu os rogos de Bard, teve piedade, pois era o senhor de um povo bom e gentil; assim, mudando o rumo de sua marcha, a qual de início tinha seguido direto para a Montanha, ele se apressou então rio abaixo, até o Lago Longo. Não tinha barcos ou balsas suficientes para sua hoste, e eles foram forçados a ir pelo caminho mais lento a pé; mas uma grande provisão de bens ele enviou na frente, pela água. Mesmo assim, elfos são leves ao caminhar e, embora naqueles dias eles não estivessem muito acostumados às terras fronteiriças e traiçoeiras entre a Floresta e o Lago, seu avanço foi rápido. Apenas cinco dias depois da morte do dragão, chegaram às margens e contemplaram as ruínas da cidade. Foram bem recebidos, como era de se esperar, e os homens e seu Mestre estavam prontos a aceitar qualquer trato para o futuro em troca da ajuda do Rei-élfico. (TOLKIEN, 2019, p. 278).

Com a derrota dos seres malignos, gobelins e wargs, na Batalha dos Cinco Exércitos, todas as regiões em que a Comitiva atravessou puderam viver pacificamente por muitos anos, em especial, a região que abarcava Trevamata e os arredores.

A hoste-élfica estava em marcha; e, se tristemente tinha diminuído, ainda assim muitos estavam contentes, pois agora o mundo setentrional seria mais feliz por muitíssimos e longos dias. O dragão estava morto, e os gobelins, sobrepujados, e seus corações aguardavam, depois do inverno, uma primavera de regozijo. (TOLKIEN, 2019, p. 311).

[...] Os gobelins das Montanhas Nevoentas agora eram poucos e estavam aterrorizados e se escondiam nos buracos mais fundos que podiam achar; e os Wargs tinham desaparecido dos bosques, de modo que os homens podiam sair sem medo. Beorn, de fato, se tornou um grande chefe naquelas regiões mais tarde e governou uma terra vasta entre as montanhas e a mata; e conta-se que por muitas gerações os homens de sua linhagem tinham o poder de assumir a forma de urso, e alguns foram homens soturnos e maus, mas a maioria tinha um coração como o de Beorn, ainda que fossem menores em tamanho e força. Nos dias deles, os últimos gobelins foram caçados nas Montanhas Nevoentas, e uma nova paz sobreveio à borda do Ermo. (TOLKIEN, 2019, p. 313).

Após a reconstrução da cidade de Valle e a morte do dragão, eles viram novamente aquela área resplandecer como as antigas canções relatavam. Assim houve harmonia entre os povos de elfos, anões e homens.

[...] Parecia que estavam indo muito bem. Bard reconstruíra a cidade de Valle, e homens tinham se juntado a ele vindos do Lago e do Sul e Oeste, e todo o lugar tinha voltado a ser cultivado e rico, e a desolação agora estava repleta de aves e

floradas na primavera e de frutas e banquetes no outono. E a Cidade-do-lago tinha sido refundada e estava mais próspera do que nunca, e muitas riquezas subiam e desciam o Rio Rápido; e havia amizade, naquelas partes, entre elfos e anãos e homens. (TOLKIEN, 2019, p. 322).

3.4 Os Territórios – dos Trols ao Dragão

Desde a partida do Condado, Bilbo e os anãos passam por diferentes territórios. Isso fica mais evidente com os seres sombrios que eles encontram.

O primeiro território que a Comitiva adentra é o território pertencente aos trols (Figura 24). Localiza-se em um ponto estratégico entre os bosques, pois a sua finalidade é emboscar viajantes para roubá-los e/ou comê-los. Consequentemente os moradores mais próximos daquela região tinham fugido dali.

[...] Seguiram a trilha morro acima, até que chegaram a uma grande porta de pedra, escondidas por arbustos que levava a uma caverna [...] Havia ossos no piso e um cheiro nojento estava no ar; mas havia uma boa quantidade de comida amontoadada sem cuidado em prateleiras e no chão, em meio a uma pilha desarrumada de butim, de todos os tipos, de botões de latão a potes cheios de moedas de ouro num canto. Havia muitas roupas também, penduradas nas paredes – pequenas demais para trols; temo que tivessem pertencido a vítimas – e entre elas havia diversas espadas de vários tipos, formas e tamanhos. (TOLKIEN, 2019, p. 67-68).

Figura 24 – Os Trols



Fonte: Alan Lee (2002-2003).

O segundo território que a Companhia adentra é o território dos gobelins (Figura 25). Um fato importante de saber, é que os gobelins foram elfos corrompidos por Morgoth. Isto dita a sua natureza maligna.

Tolkien remete a produção de armas como sendo um ofício dos gobelins. Haesbaert (1997) lembra de como os símbolos produzem uma identidade territorial. Logo esses seres são propícios a guerras e a odiarem o restante dos povos da Terra-média.

[...] Martelos, machados, espadas, adagas, picaretas, tenazes e também instrumentos de tortura eles sabem fazer muito bem, ou forçam outras pessoas a fazer segundo suas ordens, prisioneiros e escravos que têm de trabalhar até morrer por falta de ar e

luz. Não é improvável que tenham inventado algumas das máquinas que desde então atormentaram o mundo, especialmente os aparatos engenhosos para matar grandes números de pessoas de uma vez, pois engrenagens e motores e explosões sempre os deleitaram, e também a ideia de não trabalhar com as próprias mãos mais do que precisassem; mas naqueles dias e naquelas partes selvagens eles não tinham avançado (como se diz) tanto assim. [...] (TOLKIEN, 2019, p. 89).

Figura 25 – O Grande Gobelim.



Fonte: John Howe (2002).

Figura 26 – Gollum depois de perder o jogo



Fonte: Ted Nasmith [20--].

Outro território que se insere nas Montanhas Nevoentas é o território de Gollum (Figura 26). Este exerce uma territorialidade na ilha do lago onde mora, pois por possuir o Um Anel, ele leva vantagem na hora de procurar alimento ou se esconder dos gobelins.

[...] Ficava observando, com seus olhos pálidos semelhantes a lâmpadas, se apareciam peixes cegos, que ele agarrava com seus dedos compridos, rápidos feito pensamento. Gostava de carne também. Gobelim ele achava gostoso, quando conseguia pegar algum; mas tomava cuidado para que nunca o achesse. Aproveitava para esganá-los por trás, quando desciam sozinhos para perto da beira da água, quando ele estava à espreita. (TOLKIEN, 2019, p. 97).

As Montanhas Nevoentas também servem de território para os wargs. Estes conjuntamente com os gobelins exercem a sua territorialidade por meio do medo e da destruição.

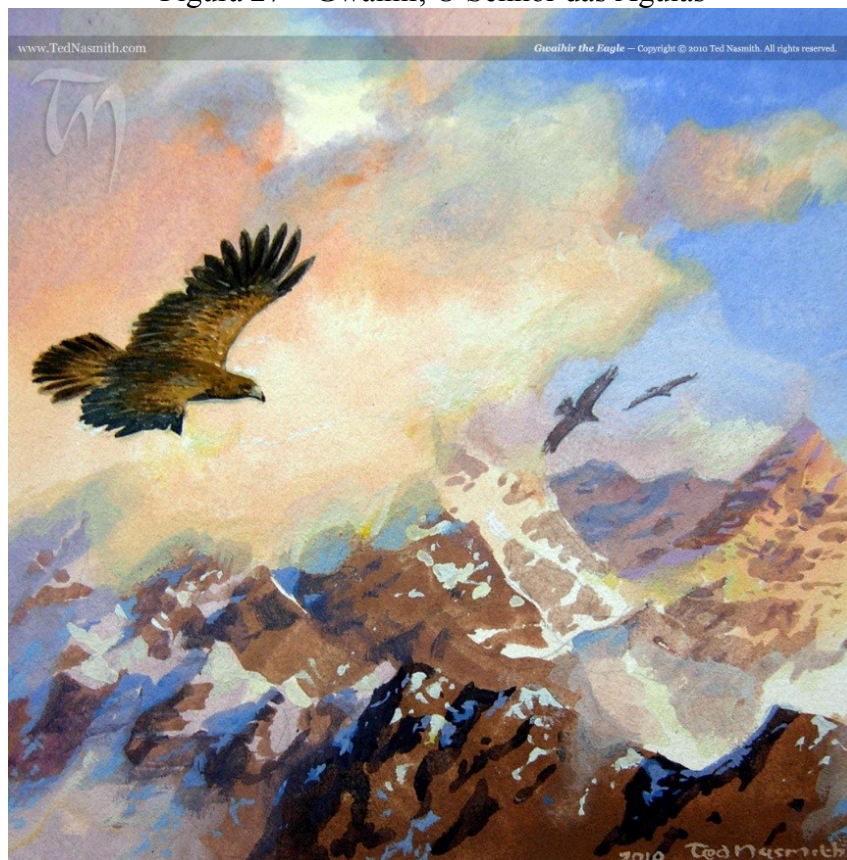
Apesar dos perigos dessa terra distante, homens corajosos, em tempos recentes, tinham começado a retornar a ela vindos do Sul, cortando árvores e construindo para

si lugares onde viver em meio às matas mais agradáveis, nos vales e ao longo das margens dos rios. Havia muitos deles, e eram valentes e bem armados, e mesmos os Wargs não ousavam atacá-los se muitos deles estavam juntos, ou com o dia claro. Mas dessa vez eles tinham planejado, com a ajuda dos gobelins, cair sobre alguns dos vilarejos mais próximos das montanhas à noite. Se seu plano tivesse sido executado, não teria sobrado ninguém no dia seguinte; todos teriam sido mortos, exceto os poucos que os gobelins não deixavam aos lobos e levavam de volta às suas cavernas como prisioneiros. (TOLKIEN, 2019, p. 126).

Já as águias (Figura 27) dividem a mesma região com os gobelins e os wargs, mas não o mesmo território, pois o seu domínio está presente nos picos das montanhas. Desta maneira os gobelins as temem, visto que eles não têm como atacá-las.

Águias não são aves gentis. Algumas são covardes e cruéis. Mas a raça antiga das montanhas do norte era a das maiores de todas as aves; eram orgulhosas e fortes e de coração nobre. Não amavam os gobelins, nem os temiam. Quando chegavam a se dar conta deles (o que era raro, pois não comiam tais criaturas), desciam sobre eles e os empurravam aos gritos de volta a suas cavernas, e detinham qualquer perversidade que eles estivessem fazendo. Os gobelins odiavam as águias e as temiam, mas não conseguiam alcançar seus assentos altaneiros ou expulsá-las das montanhas. (TOLKIEN, 2019, p. 128).

Figura 27 – Gwaihir, O Senhor das Águias



Fonte: Ted Nasmith (2010).

Esta disputa territorial também ocorre com as águias e os humanos. Fato este que faz com que Gwaihir, o Senhor das Águias, negue o pedido de Gandalf de ir deixá-los perto dos assentamentos dos homens.

O Senhor das Águias se recusou a levá-los a qualquer lugar perto de onde homens moravam. “Eles atirariam em nós com seus grandes arcos de teixo”, disse ele, “pois achariam que estávamos atrás de suas ovelhas. E, em outras ocasiões, estaríamos certo. Não! Estamos felizes de privar os gobelins de sua diversão e felizes de retribuir sua ajuda a nós, mas não vamos nos arriscar nas planícies ao sul por causa de anãos.” (TOLKIEN, 2019, p. 135).

Também temos o território de Beorn, o troca-peles. Por ser bastante irritável e alguém que não convive com outros povos, fora seus animais e outros ursos, Gandalf elabora uma ideia de como a Comitiva chegará na casa dele sem o mesmo os expulsarem.

[...] O Sr. Bolseiro percebeu então como Gandalf tinha sido esperto. As interrupções, na verdade, tinham feito com que Beorn ficasse mais interessado na história, e a história o tinha impedido de mandar os anãos embora de cara, como se fossem pedintes suspeitos. Ele nunca convidava gente para ir à sua casa, se pudesse evitar. Tinha muito poucos amigos, e eles moravam a uma boa distância; e ele nunca convidava mais do que um par deles para ir à sua casa por vez. Agora tinha quinze estranhos sentados em seu alpendre! (TOLKIEN, 2019, p. 149-150).

O próximo território em que eles entram é o território dos elfos da floresta de Trevamata, comandada pelo rei Thranduil. Neste território percebe-se a utilização das condições naturais para a criação de uma fortaleza (Figura 28).

Numa grande caverna algumas milhas adentro de Trevamata, de seu lado oriental, vivia nessa época o maior dos reis deles. Diante de seus enormes portões de pedra, um rio corria vindo dos altos da floresta e continuava a fluir até os pântanos, aos pés das terras elevadas das matas. Essa grande caverna, a partir da qual incontáveis grutas menores se abriam de todos os lados, avançava longe, debaixo da terra, e tinha muitas passagens e vastos salões; mas era mais iluminada e mais limpada que qualquer habitação de goblin, e não era nem tão profunda nem tão perigosa. De fato, os súditos do rei em geral viviam e caçavam nas matas abertas e tinham casas ou cabanas no chão e nos galhos. As faias eram suas árvores favoritas. A caverna do rei era seu palácio, o lugar fortificado de seu tesouro e a fortaleza de seu povo contra seus inimigos. (TOLKIEN, 2019, p. 190).

Figura 28 – O portão do rei élfico



The Elvenking's Gate.

Fonte: *O Hobbit* (2019).

Desde o surgimento dos anões e dos elfos, esses dois povos tendem a conflitar entre si. Porém, aqui a problemática surgirá pela cobiça por ouros e gemas entre os elfos e os anões.

[...] Assim, para a caverna é que arrastaram Thorin — não muito gentilmente, pois não amavam os anões e achavam que ele era um inimigo. Em dias antigos, travaram guerras com alguns dos anões, a quem acusavam de roubar seu tesouro. É justo dizer que os anões registraram um relato diferente, e diziam que tinham apenas pegado o que lhes era devido, pois o rei dos elfos havia feito um trato com eles para que dessem forma ao seu ouro e à sua prata brutos e depois tinha se recusado a lhes dar sua paga. Se o rei dos elfos tinha uma fraqueza, era por tesouro, especialmente prata e gemas brancas; e, embora fosse rico, estava sempre ávido por mais, já que ainda não tinha um tesouro tão grande quanto outros senhores élficos de outrora. Seu povo não minerava nem trabalhava metais ou joias, nem se importava muito com comércio ou com lavrar a terra. Tudo isso era bem sabido entre todos os anões, embora a família de Thorin não tivesse nada a ver com a velha briga de que falei. Conseqüentemente, Thorin ficou irritado com o tratamento que lhe deram, quando retiraram o feitiço e ele recuperou os sentidos; e também estava determinado a não deixar que arrancassem dele palavra alguma sobre ouro ou joias. (TOLKIEN, 2019, p.190-191).

E por último temos o território do dragão Smaug (Figura 29). A paisagem dita as características do personagem com o uso do calor e de tons vermelhos.

[...] Conforme avançava, o brilho crescia e crescia, até que não havia mais dúvida a respeito. Era uma luz vermelha, que ia ficando cada vez mais e mais vermelha. Além

disso, agora estava indubitavelmente quente no túnel. Nuvenzinhas de vapor fluuavam em volta dele, e Bilbo começou a suar. Um som também começou a ecoar em seus ouvidos, uma espécie de borbulhar, como o barulho de uma panela grande fervendo no fogo, misturado com um tremor, como o de um gato gigante ronronando. O som foi crescendo até se tornar o barulho inconfundível vindo da garganta de algum vasto animal roncando em seu sono, lá embaixo, em meio ao brilho vermelho diante dele. (TOLKIEN, 2019, p. 238).

Figura 29 – Smaug, O Dourado



Fonte: John Howe (2002).

Smaug se apropriou do tesouro da família de Thorin e lá fez a sua morada. Essa característica dos dragões serem ávidos por ouro e joias se repete em outras histórias de Tolkien, como o *Mestre Giles d'Aldeia* (2021), por exemplo.

Smaug jazia, com asas dobradas feito um morcego imensurável, parcialmente deitado de lado, de modo que o hobbit conseguia ver a parte de baixo de seu corpo e seu ventre comprido e pálido, incrustado com gemas e fragmentos de ouro por causa do longo descanso em sua valiosa cama. Atrás dele, onde as paredes eram mais próximas, podiam ser vislumbradas cotas de malha, elmos e machados, espadas e lanças penduradas; e ali, em fileiras, havia grandes jarros e vasilhas repletos de uma riqueza que não podia ser estimada. (TOLKIEN, 2019, p. 239).

Percebemos o real perigo do dragão quando Bilbo furta uma taça do tesouro. Aqui fica claro como Smaug se via e também temos um momento de fúria na qual ele percebe a sua territorialidade sendo ameaçada.

Ladrões! Fogo! Assassinato! Tal coisa nunca tinha acontecido desde que ele chegara à Montanha! Sua fúria ultrapassa qualquer descrição – o tipo de fúria que só é vista quando gente rica que tem mais do que consegue usar de repente perde algo que possuía há muito tempo, mas que nunca tinha usado ou desejado antes. O fogo foi arrotado para todo lado, o salão encheu-se de fumaça, o dragão chacoalhou as raízes da montanha. Jogou a cabeça em vão na direção do buraquinho e depois, trançando o corpo, rugindo feito trovão subterrâneo, deixou veloz seu covil profundo pela grande porta, passou pelas passagens enormes do palácio montanhoso e subiu para o Portão da Frente. (TOLKIEN, 2019, p. 241).

Depois de Smaug ir à Cidade do Lago, os anões entram nas profundezas do covil do dragão por muita insistência de Bilbo. Mas quando deram atenção a todo o tesouro que estava em volta, logo houve uma transformação em sua natureza.

[...] Os meros vislumbres passageiros do tesouro que eles tinham tido conforme andavam tinham reacendido todo o fogo de seus corações; e quando o coração de um anão, mesmo o mais respeitável, é despertado por ouro e por joias, ele fica ousado de repente e pode se tornar feroz. (TOLKIEN, 2019, p. 262).

Quando Smaug se aproxima para atacar a Cidade do Lago (Figura 30), notamos as estratégias usadas pelos homens para defender seu território.

Rugindo, deu uma volta por cima da cidade. Uma saraivada de flechas escuras se lançou ao céu, batendo em suas escamas e joias e fazendo-as chacoalhar, e suas hastes caíram, inflamadas por seu hálito, queimando e sibilando dentro do lago. Nenhum fogo de artifício que você já tenha imaginado se iguala à visão daquela noite. Quando os arcos eram disparados e as trombetas soavam, a ira do dragão ardia ao máximo, até que ele ficou cego e enlouquecido por ela. Ninguém ousava-lhe oferecer combate havia muitas eras; nem teriam ousado agora, se não fosse pelo homem de voz sombria (Bard era seu nome), que corria de um lado a outro animando os arqueiros e cobrando do Mestre que lhes dessem a ordem de lutar até a última flecha. (TOLKIEN, 2019, p. 271-272).

Figura 30 – Smaug destrói a Cidade do Lago.



Fonte: John Howe (2002).

Após Bard matar o dragão, a população o exalta como se ele fosse rei da Cidade do Lago. Porém o Mestre que exerce o cargo de comandante da cidade fica com receio de ser deposto de seu cargo privilegiado.

“Girion era senhor de Valle, não rei de Esgaroth”, disse ele. “Na Cidade-do-lago nós sempre elegemos mestres tirados do meio dos idosos e sábios e nunca suportamos o governo de meros homens de guerra. Que o ‘Rei Bard’ volte para seu próprio reino — Valle agora está liberta pelo valor dele próprio, e nada impede seu retorno. E qualquer um que desejar pode ir com ele, se preferir as pedras frias sob a sombra da Montanha às margens verdejantes do lago. Os sábios ficarão aqui com esperança de reconstruir nossa cidade e gozar novamente, com o tempo, de sua paz e suas riquezas. (TOLKIEN, 2019, p. 275).

Contudo como todos pensavam que os anões tinham sido mortos, logo os representantes administrativos das regiões vizinhas querem tomar o ouro que o dragão guardou por anos para si. E Bard não foi diferente. Ele pensava que agora a sua cidade natal poderia ser reconstruída.

“Tolos!”, disse Bard. “Por que desperdiçar palavras e ira com aquelas criaturas infelizes? Sem dúvida eles foram os primeiros a perecer no fogo, antes que Smaug viesse até nós.” Então, enquanto estava falando, entrou em seu coração o pensamento de que o fabuloso tesouro da Montanha lá jazia sem guarda ou dono, e ele, de súbito, ficou em silêncio. Pensou nas palavras do Mestre, e em Valle reconstruída e repleta de sinos dourados, se ao menos ele achasse os homens para isso. (TOLKIEN, 2019, p. 276).

É desta forma que se inicia uma batalha pelo tesouro que Smaug guardava. Logo a conquista da Montanha Solitária acaba tornando-se uma área de disputa territorial, entre homens, elfos e anões.

A primeira ação dos anões, após saber da morte do dragão é a de iniciar uma fortificação em torno do seu território, além do fato de que eles conheciam aquela terra, pois aquele era o seu lugar.

Como você já ouviu a respeito de alguns dos acontecimentos, perceberá que os anões ainda tinham alguns dias à sua frente. Exploraram as cavernas mais uma vez e descobriram, conforme esperavam, que só o Portão da Frente permanecia aberto; todos os outros portões (exceto, é claro, a pequena porta secreta) havia muito tinham sido destruídos e bloqueados por Smaug, e nenhum sinal deles restava. Assim, logo começaram a trabalhar duro na fortificação da entrada principal, e na construção de um novo caminho que saía dela. Ferramentas havia em quantidade, que os mineiros e pedreiros e construtores de outrora tinham usado; e em tais obras os anões ainda eram muito habilidosos. (TOLKIEN, 2019, p. 282).

Bard tenta negociar com Thorin alegando que seu pedido por uma décima quarta parte do tesouro era legal, já que muitas daquelas riquezas pertenciam ao seu povo por direito.

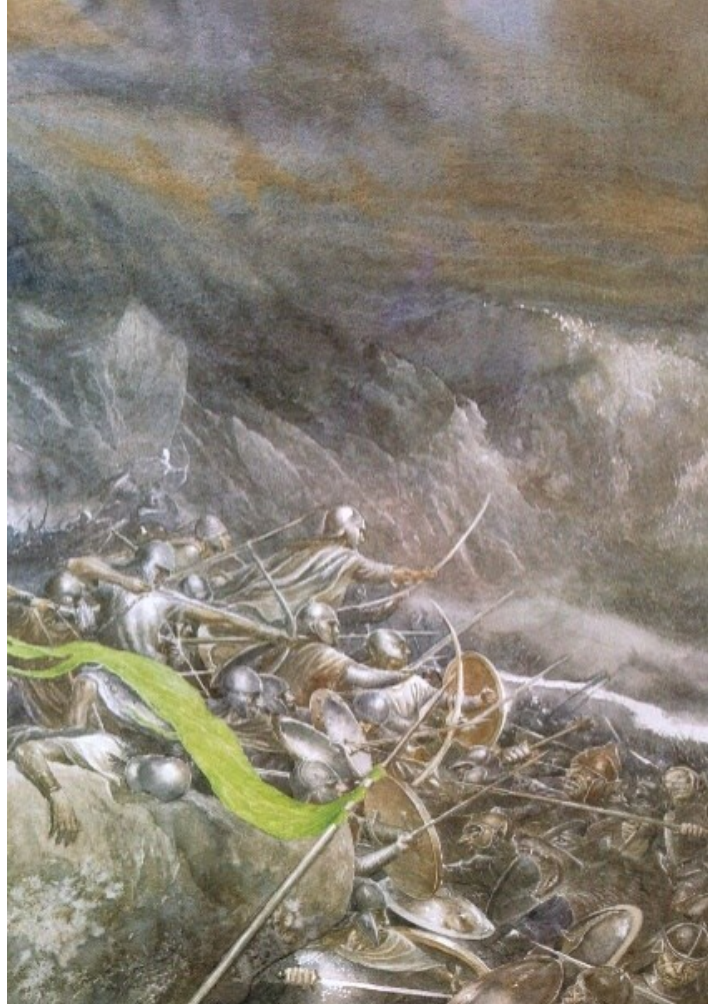
“Eu sou Bard, e por minha mão foi morto o dragão e liberto o seu tesouro. Não é essa uma matéria que lhe diga respeito? Ademais, sou por descendência direta o herdeiro de Girion de Valle, e em seu salão do tesouro está misturado muito da riqueza dos palácios e vilas daquele reino, que outrora Smaug roubou. Não é essa uma matéria da qual podemos falar? Além disso, em sua última batalha Smaug destruiu as moradas dos homens de Esgaroth, e eu sou ainda o serviçal do Mestre deles. Desejo falar por ele e perguntar se você não pensa na tristeza e desgraça de seu povo. Eles o ajudaram em sua necessidade e em recompensa você, até agora, trouxe apenas ruína, ainda que sem dúvida não planejada.” (TOLKIEN, 2019, p. 286).

Contudo, após a chegada de Dain, parente de Thorin, e seu exército, as hostes de gobelins e wargs aparecem. Com isso todos os exércitos passam a lutar em união com o único objetivo de atacar as criaturas malignas (Figura 31). Aqui o território que de origem era apenas dos anões passa a ser um território compartilhado com os elfos e homens.

Assim começou uma batalha que ninguém tinha esperado; e recebeu o nome de Batalha dos Cinco Exércitos, e foi muito terrível. De um lado estavam os Gobelins e os Lobos Selvagens, e do outro estavam Elfos e Homens e Anões. Foi deste modo que ela aconteceu. Desde a queda do Grande Gobelim das Montanhas Nevoentas, o ódio daquela raça pelos anões se reacendera até se tornar fúria. Mensageiros tinham passado de cá para lá entre todas as cidades, colônias e praças-fortes deles; pois tinham resolvido agora obter o domínio do Norte. Notícias tinham obtido de modos secretos; e, em todas as montanhas, não cessava a forja e o armamento. Então marcharam e se reuniram em monte e vale, seguindo sempre por túneis ou no escuro, até que, em volta e debaixo da grande montanha de Gundabad do Norte, onde ficava a capital deles, uma vasta hoste se ajuntou pronta para, em tempo de tempestade, descer varrendo sem aviso o Sul. Então souberam da morte de Smaug, e houve júbilo em seus corações; e se apressaram noite após noite através das montanhas, e chegaram assim, afinal, de súbito, do Norte, nos calcanhares de Dain.

Nem mesmo os corvos sabiam de sua chegada até que apareceram nas terras fragmentadas que dividiam a Montanha Solitária das colinas atrás dela. Quanto disso Gandalf sabia não se pode dizer, mas está claro que ele não esperava esse assalto repentino. (TOLKIEN, 2019, p. 301).

Figura 31 – A Batalha dos Cinco Exércitos



Fonte: Alan Lee [20--]

Após a batalha, Dain assume o título de Rei sob a Montanha, pois Thorin veio a falecer. Neste momento o território dos anões finalmente é reconquistado e com isso muitos anões retornam a viver nessa região.

[...] Ali então Dain, filho de Nain, fez sua morada, e ele se tornou Rei sob a Montanha, e com o tempo muitos outros anões se juntaram a seu trono nos antigos salões. Dos doze companheiros de Thorin, dez restavam. Fili e Kili tinham tombado a defendê-lo com escudo e corpo, pois era o irmão mais velho da mãe deles. Os outros permaneceram com Dain, pois Dain era generoso com seu tesouro. (TOLKIEN, 2019, p. 310).

4 CONCLUSÃO

Neste trabalho pretendemos estudar Geografia a partir daquilo que muitas pessoas amam: os livros de fantasia. Fizemos isso por meio da geografia cultural e humanista, visto que são abordagens que buscam explicar o espaço geográfico não apenas com a racionalidade, mas também com aquilo que é subjetivo aos homens, que são seus sentimentos e suas emoções atrelados às formas de representação e significação.

Nesse contexto, elaborando uma geografia literária tentamos compreender como o espaço geográfico é revelado nos livros a partir de seus vários recortes. Visto que o conceito de espaço geográfico sofreu e sofre mudanças epistemológicas ao longo da história da Geografia, as categorias de análise espacial foram os recursos mais acessíveis para apreender essa nova realidade.

Primeiro entendemos como se deu a evolução destes conceitos espaciais em paralelo à história do pensamento geográfico. Assim, pudemos analisar como os conceitos de lugar, paisagem, região e território são trabalhados em uma narrativa, no caso foi *O Hobbit* de J. R. R. Tolkien.

Desta forma percebemos que o autor teve uma grande capacidade de criar paisagens distintas, levando em conta: climas, vegetações, relevos, cursos d'água e faunas diversas. Também observamos que as regiões e os territórios são influenciados principalmente pela população de cada lugar e sua relação de afetividade com os outros povos, assim como, o lugar do hobbit, independentemente de onde ele esteja, sempre será levado em seus pensamentos e, principalmente será sentido nos ambientes que refletem uma assimetria. Territorialidades diversas também são compreendidas a partir dos conflitos, do poder e das identidades características de cada uma personagens-povos.

Contudo, este trabalho é apenas uma possibilidade de compreender a geografia literária, assim como, ele não esgota as perspectivas de análise geográfica em *O Hobbit*, visto que podem ser estudados, por exemplo: os componentes que formam as paisagens naturais de cada localidade, um estudo populacional da Terra-média ou até mesmo a importância da manutenção das vias que ligam as comunidades para o seu transitar.

Portanto, as obras de Tolkien que formam o seu conjunto de lendas sobre a Terra-média, em especial *O Silmarillion* e *O Senhor dos Anéis*, entre outras, nos possibilitam compreender a Geografia por meio da criatividade e imaginação. Alguns exemplos de trabalhos que podem ser feitos ainda a partir das obras desse autor são: os movimentos migratórios dos elfos; a organização regional e política das povos; a evolução morfológica da

paisagem no decorrer das Três Eras; a diversidade vegetacional entre as regiões; as mudanças climáticas que ocorreram com a ascensão de Saruman, o mago branco; e, até mesmo, o porquê da Terra-média passar de plana para esférica e como isso impossibilitou a chegada dos homens em Valinor, dentre outras tantas.

Com isso fica claro que a Geografia está presente em tudo o que nos rodeia, está em toda parte, desde um livro, um filme, uma música ou uma comida. Basta pararmos para refletir como cada um compreende o mundo a sua volta ou a sua realidade ou em outras palavras, como o espaço geográfico é apreendido pelas pessoas.

REFERÊNCIAS

- BASTOS, Ana R. V. R. Espaço e Literatura: algumas reflexões teóricas. **Espaço e Cultura**. Rio de Janeiro, n. 5, p. 55-66, jan/jun. 1998. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/6316/4509>. Acesso em: 5 dez. 2020.
- CABRAL, Luiz O. Revistando as noções de espaço, lugar, paisagem e território, sob uma perspectiva geográfica. **Revista de Ciências Humanas**. Florianópolis, v. 41, n. 1 e 2, p. 141-155, abr/out. 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/15626>. Acesso em: 07 dez. 2020.
- CARPENTER, Humphrey. **J. R. R. Tolkien: uma biografia**. 1. ed. Rio de Janeiro: Harper Colins, 2018.
- CAVALCANTE, Tiago V. A dimensão do habitar na obra A casa, de Natércia Campos: um olhar geosófico. **Geograficidade**. Niterói, v. 1, n. 1, p. 32-43, maio. 2011. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/12806>. Acesso em: 31 maio 2021.
- CAVALCANTE, Tiago V. Por uma Geografia Literária: de leituras do espaço e espaços de leitura. **Revista da ANPEGE**. João Pessoa, v. 16, n. 31, p. 191-201, set. 2020. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/issue/view/462>. Acesso em: 31 maio 2021.
- CLAVAL, Paul. O território na transição da pós-modernidade. **GEOgraphia**. Niterói, v. 1, n. 1, p. 07-26, ago. 1999. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13349>. Acesso em: 11 fev. 2021.
- FURLANETTO, Beatriz H.; KOZEL, Salete. Paisagem cultural: da cena visível à encenação da alma. **Ateliê Geográfico**. Goiânia, v. 8, n. 3, p. 215-232, dez. 2014. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/atelie/article/view/24103>. Acesso em: 02 jan. 2021.
- GAIMAN, Neil. **O oceano no fim do caminho**. 1. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013.
- GOMES, Paulo C. da C. O conceito de região e sua discussão. *In*: CASTRO, Iná E. de; GOMES, Paulo C. da C.; CORRÊA, Roberto L. (orgs.). **Geografia: Conceitos e Temas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 49-76.
- HAESBAERT, Rogério. Território, poesia e identidade. **Espaço e Cultura**. Rio de Janeiro, n. 3, p. 20-32, jan/jun.1997. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/6708/4786>. Acesso em: 24 fev. 2021.
- HOLZER, Werther. O lugar na Geografia Humanista. **Revista Território**. Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 67-78, jul/dez. 1999.
- LEITE, Cristina M. C. O conceito de lugar na perspectiva da geografia escolar. **Itinerarius Reflectionis**. Jataí, v. 14, n. 2, p. 01-15, jul. 2018. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/rir/article/view/51792/25799>. Acesso em: 25 fev. 2021.

LIMA, Solange T. de. Geografia e literatura: alguns pontos sobre a percepção de paisagem. **Geosul**. Florianópolis, v. 15, n. 30, p. 07-33, jul/dez. 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/14190>. Acesso em: 19 dez. 2020.

MACHADO, Mônica S. Geografia e Epistemologia: um passeio pelos conceitos de espaço, território e territorialidade. **Geo UERJ**. Rio de Janeiro, n. 1, p. 17-32, jan/jun. 1997. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/view/21750/15757>. Acesso em: 11 fev. 2021.

MARANDOLA JR., Eduardo. **Um sentido fenomenológico de paisagem**: o sentir em mistura do ser-lançado-no-mundo. Texto-base da Conferência proferida no “Seminário Internacional Questões Contemporâneas sobre Paisagem”, realizado dias 9 e 10 de abril de 2014, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2014.

MOREIRA, Erika V.; HESPANHOL, Rosângela A. de M. O lugar como uma construção social. **Revista Formação**. Presidente Prudente, v. 2, n. 14, p. 48-60, 2007. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/view/645/659>. Acesso em: 25 fev. 2021.

NASCIMENTO, Francyonison C. do. **Dos antros de pedra aos verdes prados**: o lugar em “O Hobbit” de J. R. R. Tolkien. Natal: Editora IFRN, 2016.

NÓBREGA, Pedro R. da C. Reflexões didáticas sobre o conceito de região na geografia. **Revista Tamoios**. São Gonçalo, v. 11, n. 01, p. 107-130, jan/jun. 2015. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tamoios/article/view/18137/13369>. Acesso em: 27 jan. 2021.

NUÑEZ, Carlinda F. P. Uma odisséia no espaço: a Geografia na Literatura. *In*: CORRÊA, Roberto L.; ROZENDAHL, Zeny (orgs.). **Temas e caminhos da geografia cultural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. p. 73-113.

RISSO, Luciene C. “Paisagens e Cultura: uma reflexão teórica a partir do estudo de uma comunidade indígena amazônica”. **Espaço e Cultura**. Rio de Janeiro, n. 23, p. 67-76, jan/jun. 2008. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/3523/2450>. Acesso em: 05 jan. 2021.

SALGUEIRO, Teresa B. Paisagem e geografia. **Finisterra**. Lisboa, v. 36, n. 72, p. 37-53, 2001. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/finisterra/article/view/1620>. Acesso em: 08 jan. 2021.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SILVA, Alcinéia de S. A região em tempos de globalização. **Revista Equador**. Teresina, v. 6, n. 1, p. 74-92, 2017. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/equador/article/view/5670/3600>. Acesso em: 27 jan. 2021.

SUESS, Rodrigo C.; RIBEIRO, Antonia da S. S. O lugar na Geografia Humanista: uma reflexão sobre o seu percurso e questões contemporâneas – escala, críticas e cientificidade. **Revista Equador**. Teresina, v. 6, n. 2, p. 01-22, 2017. Disponível em: <https://www.ojs.ufpi.br/index.php/equador/article/view/6121/3850>. Acesso em: 25 fev. 2021.

TERRA, Ademir. Evolução histórica da categoria geográfica território e a sua atual multiplicidade interpretativa. **Caderno Prudentino de Geografia**. Presidente Prudente, v. 1, n. 31, p. 17-31, 2009. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/7438>. Acesso em: 11 fev. 2021.

TOLKIEN, J. R. R. **O Hobbit**. Tradução: Reinaldo José Lopes. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2019.

TUAN, Yi-Fu. Space and Place 2013 / Espaço e Lugar 2013. **Geograficidade**. Niterói, v. 4, n. 1, p. 4-13, fev. 2014. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/12883>. Acesso em: 28 jun. 2021.

TUAN, Yi-Fu. Lugar: uma perspectiva experiencial / Place: an experiential perspective. **Geograficidade**. Niterói, v. 8, n. 1, p. 4-15, out. 2018. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/27150>. Acesso em: 28 jun. 2021.

ZANATTA, Beatriz A. A abordagem cultural na Geografia. **Revista Temporis[ação]**. Cidade de Goiás, v. 9, n. 1, p. 224-235, mar. 2008. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/issue/view/9>. Acesso em: 20 dez. 2020.